



INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS ARAPIRACA
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS/PORTUGUÊS

ISAAC OLIVEIRA DO NASCIMENTO SILVA

**ESTILO E SUBJETIVIDADE EM TEXTOS DISSERTATIVO-ARGUMENTATIVOS: A
BUSCA POR TRAÇOS DE AUTORIA EM REDAÇÕES DO EXAME NACIONAL DO
ENSINO MÉDIO.**

ARAPIRACA, AL
2025

ISAAC OLIVEIRA DO NASCIMENTO SILVA

ESTILO E SUBJETIVIDADE EM TEXTOS DISSERTATIVO-ARGUMENTATIVOS: A
BUSCA POR TRAÇOS DE AUTORIA EM REDAÇÕES DO EXAME NACIONAL DO
ENSINO MÉDIO.

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação de Licenciatura em Letras-Português do Instituto Federal de Alagoas, Campus Arapiraca, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Letras-Português.

Orientador: Prof.: Dr. Wellington Barbosa Silva

ARAPIRACA, AL

2025

469.8
S586e

Silva, Isaac Oliveira do Nascimento.

Estilo e subjetividade em textos dissertativo-argumentativos: a busca por traços de autoria em redações do exame nacional do ensino médio [recurso eletrônico] / Isaac Oliveira do Nascimento Silva – Dados eletrônicos (1 arquivo : 586 KB). – 2025.

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: Internet.

Orientação: Prof. Dr. Wellington Barbosa Silva.

Trabalho de Conclusão de Curso, (Licenciatura em Letras/Português) – Instituto Federal de Alagoas, *Campus Arapiraca*, Arapiraca, 2025.

1. Redações. 2. Enem. 3. Modelos coringas. 4. Estilo.
I. Título.

Luciete Barbosa da Silva | Bibliotecária – CRB-4/1739

ISAAC OLIVEIRA DO NASCIMENTO SILVA

ESTILO E SUBJETIVIDADE EM TEXTOS DISSERTATIVO-ARGUMENTATIVOS: A
BUSCA POR TRAÇOS DE AUTORIA EM REDAÇÕES DO EXAME NACIONAL DO
ENSINO MÉDIO.

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Curso de Graduação de
Licenciatura em Letras-Português do
Instituto Federal de Alagoas, Campus
Arapiraca, como requisito parcial para a
obtenção do grau de Licenciada em Letras-
Português.

Aprovado em: 27 de agosto de 2025

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Wellington Barbosa Silva (Orientador)
Instituto Federal de Alagoas- IFAL

Profa. Dra. Sandra Araújo Lima Cavalcante (avaliadora)
Instituto Federal de Alagoas- IFAL

Prof. Me. Erinaldo da Silva Santos (avaliador)
Instituto Federal de Alagoas- IFAL

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, que em todos esses anos me deu fé e esperança para me manter no curso. Aos meus pais Josival da Silva e Ivonete Oliveira do N. Silva que sempre me apoiaram em todas as minhas decisões e momentos difíceis durante todos os anos de minha existência.

A minha noiva Tamires dos Santos Pereira, que se fez presente durante minha formação e sempre me incentivou e aconselhou durante o decorrer do curso. Ademais, meu irmão Diogo Oliveira do N. Silva, que mesmo de longe a maior parte do tempo se fez presente e me incentivou de sua maneira.

E por fim, mas não menos importante, a meu orientador Wellington Barbosa Silva, que foi meu professor em todos os períodos do curso, desde o período remoto até o último período, que teve paciência e me orientou de forma esplêndida para a conclusão deste trabalho.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo analisar o gênero discursivo “redação” a fim de identificar traços de autoria em redações do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) dos anos de 2023 e 2024. O foco da pesquisa recai sobre a análise da existência de traços autorais e de estilo nesses textos, mesmo diante do uso de “redações coringas” modelos estruturados previamente por estudantes ou inteligências artificiais para se adaptarem a diferentes temas propostos. A pesquisa é de cunho qualitativo, de abordagem documental, dentro dos preceitos da Linguística Aplicada interpretativista e adota uma base teórica dialógica do Círculo de Bakhtin, compreendendo a linguagem como um fenômeno histórico, social, ideológico e interacional, além de utilizar visões e pensamentos de autores como Silva (2015), Sobral (2009) e Possenti (2009), para uma melhor fundamentação teórica. Ademais, durante o processo de investigação foram considerados aspectos lexicais, composicionais e intencionais, permitindo identificar como os estudantes contextualizam discursos sociais e normativos para afirmar sua autoria em um contexto regulado. Os resultados obtidos, apesar do formato exigido pelo exame que “convida” os participantes a fazerem uso de estruturas convencionais, revelam uma multiplicidade de vozes e posicionamentos que expressam a presença ativa do sujeito autorial. Além disso, foi constatado a singularidade e a transformação linguística, corroborando a perspectiva bakhtiniana da linguagem como espaço de disputa e negociação de sentidos. Por fim, verificou-se que as redações do ENEM, se analisadas de maneiras e perspectivas diferentes, transcendem seu papel avaliativo, constituindo-se como espaços simbólicos em que os jovens expressam suas visões de mundo, valores e opiniões, resistindo assim à padronização por meio da criatividade e da reinterpretação dos modelos oferecidos pela mídia e terceiros, reafirmando a importância de considerar os textos escolares como campos dinâmicos de expressões humanas.

Palavras chaves: autoria; redações; modelos coringas; estilo.

ABSTRACT

The present course completion work aims to analyze the discursive genre 'essay' in order to identify authorship traits in essays from the National High School Exam (ENEM) for the years 2023 and 2024. The focus of the research is on examining the existence of authorial and stylistic traits in these texts, even in the face of the use of 'generic essays' structured models previously created by students or artificial intelligences to adapt to different proposed themes. The research is qualitative in nature, of a documentary approach, following the principles of interpretative Applied Linguistics, and adopts a dialogical theoretical basis from the Bakhtin Circle, understanding language as a historical, social, ideological, and international phenomenon. It also utilizes the views and thoughts of authors such as Silva (2015), Sobral (2009), and Possenti (2009) for a better theoretical foundation. Furthermore, during the investigation process, lexical, compositional, and intentional aspects were considered, allowing for the identification of how students contextualize social and normative discourses to assert their authorship in a regulated context. The results obtained, despite the format required by the exam that 'invites' participants to use conventional structures, reveal a multiplicity of voices and positions that express the active presence of the authorial subject. Furthermore, the uniqueness and linguistic transformation were noted, corroborating the Bakhtinian perspective of language as a space for dispute and negotiation of meanings. Finally, it was found that the essays of the ENEM, when analyzed from different angles and perspectives, transcend their evaluative role, constituting symbolic spaces where young people express their worldviews, values, and opinions, thus resisting standardization through creativity and reinterpretation of the models offered by the media and others, reaffirming the importance of considering school texts as dynamic fields of human expression.

Keywords: authorship; essays; template models; style.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	A LINGUAGEM EM BAKHTIN – PRESSUPOSTOS FILOSÓFICOS DE UMA TEORIA EM ACABAMENTO	11
2.1	Concepção de língua(gem) em Bakhtin e seu “Chamado Círculo”	11
2.2	Interação e Dialogia em Bakhtin.....	14
2.3	Polifonia e Plurivocidade.....	19
3	OS GÊNEROS DO DISCURSO EM BAKHTIN	23
3.1	Conceituando Gênero Discursivo na perspectiva bakhtiniana	23
3.2	Gênero discursivo e Tipologias textuais.....	26
3.3	O Gênero discursivo: Redação Escolar	30
4	A VISÃO DE AUTOR(IA) NO CÍRCULO DE BAKHTIN.....	34
4.1	Autoria e estilo na produção de gêneros discursivos: retomando a arquitetônica do pensamento do círculo de Bakhtin.....	34
4.2	Individualidade e subjetividade nos diferentes discursos sociais.	39
5	ESCRITURA METODOLÓGICA E ANÁLISE DOS DADOS.....	42
5.1	A abordagem qualitativa nas pesquisas em Linguística.....	42
5.2	A pesquisa bibliográfica e documental	44
5.3	A constituição do corpus de pesquisa	47
5.4	As marcas de autoria no Gênero Discursivo: Redação escolar do Enem 2023 e 2024.....	48
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
	REFERÊNCIAS	69

1 INTRODUÇÃO

A língua(gem), compreendida pelo Círculo de Bakhtin, ultrapassa os limites impostos pela linguística estrutural para se afirmar como uma prática social, histórica e ideológica. Seguindo essa concepção, cada enunciado é composto por múltiplas vozes além do contexto em que é produzido. Nesse espaço, o autor é compreendido não como um sujeito isolado, mas como alguém que assume uma posição valorativa e importante dentro de suas produções discursivas através das relações que estabelece com os outros sujeitos e os discursos historicamente constituídos. Assim, entende-se que os gêneros discursivos, enquanto produto histórico dessas relações discursivas, são categorias que exigem estrutura, conteúdo, estilo e finalidade, combinados com diversos contextos sociais para atender às necessidades dos interlocutores através dos processos de comunicação social.

Esse olhar dialógico é de suma importância para se pensar a redação escolar, especialmente aquela exigida pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), como um gênero discursivo que envolve não apenas um domínio técnico, mas também escolhas autorais, posicionamentos sociais e ideológicos, além de conhecimento histórico. “Quanto melhor dominamos um gênero tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade” (Bakhtin, 2011, p. 285); em outras palavras, entendemos que compreender o gênero em questão com maestria pode em diversos casos possibilitar a entrada para uma vida universitária que é almejada por muitos jovens que prestam o ENEM.

É sabido que o modelo de redação exigido no exame segue uma estrutura normativa, que muitas vezes impõe padrões já estabelecidos, tornando possível a criação de modelos de redações pré desenvolvidos antes da realização da prova. Desse modo, esses modelos que popularmente receberam o nome de “redações coringas” têm sido utilizados por uma grande parcela de estudantes que realizam o exame todos os anos. Esses modelos entregam estruturas prontas de redações que se encaixam nos mais diversos temas que possam vir a surgir nas propostas de redações sugeridas.

Dito isso, o presente trabalho de conclusão de curso busca identificar traços de autoria desenvolvidos por estudantes que prestaram o exame nos anos de 2023 e

2024, uma vez que essa característica tende a diminuir consideravelmente quando são utilizados os modelos coringas. Partindo de uma perspectiva bakhtiniana, reconhecemos que todos os discursos carregam marcas de quem os produz, independentemente dos espaços e das estruturas que lhes são impostos.

A fim de compreendermos como o sujeito produtor de discursos se constitui e constitui suas marcas de autoria e de estilo em suas redações, o trabalho foi dividido em quatro seções para uma melhor compreensão e análise sobre o tema. Ademais, a primeira seção aborda a visão de Mikhail Bakhtin e seu círculo sobre a concepção de língua(gem), contrapondo-se às ideias estruturalistas de Ferdinand de Saussure. Se por um lado Saussure entendia a língua como um sistema fechado, estável e independente dos sujeitos, Bakhtin a compreendia como algo que é viva, histórica, social, cultural e ideológica, segundo o estudioso a mesma só se concretiza na interação discursiva entre sujeitos reais.

Nesta mesma seção foram exploradas a interação discursiva e a dialogia seguindo a concepção bakhtiniana, apontando que o diálogo entre diferentes sujeitos e vozes está presente em todos os enunciados, mesmo que não de forma clara, já que a linguagem faz parte de processo social e ideológico que nunca é neutro. Desse modo, o dialogismo propõe que os sentidos do discurso sejam constituídos por meio da relação com o outro, em outras palavras, os discursos são formados com outros discursos e sujeitos. Sobral (2009) divide o dialogismo em três planos; Filosófico, em que o sujeito só existe na relação com os outros; discursivo, no qual o sentido surge da relação entre enunciados; e textual que mesmo em textos sem diálogo direto, há diálogo implícito entre vozes.

Ademais, esse tópico ainda aborda conceitos de extrema importância criados por Bakhtin que são a “polifonia e a plurivocidade”, desenvolvidos com intuito de compreender a multiplicidade de vozes presentes nos discursos. Esses conceitos reforçam a ideia de que a língua(gem) não se caracteriza como uma estrutura fixa, mas sim, um fenômeno que está em constante mudança que é constituída através de fatores históricos, sociais, culturais e ideológicos.

A segunda seção, discute a ideia dos gêneros discursivos a partir da perspectiva bakhtiniana, reconhecendo-os como formas relativas estáveis de enunciado, moldadas através de interações verbais e práticas sociais. Segundo o Bakhtin (2011) os gêneros são instáveis por apresentarem algumas características recorrentes, porém, também mutáveis, pois se transformam conforme seu uso. Os

gêneros se dividem em primários e secundários, mantendo uma relação dinâmica e histórica entre si; o autor também destaca as forças centrípetas e as forças centrífugas, sendo fundamentais para compreender as mudanças da língua.

Além de explorar a relação entre gênero discursivo, discute-se, também, a noção de tipologias textuais, dando destaque ao fato de que os textos podem conter diferentes tipos textuais, como narração, descrição, dissertação, injunção, exposição, etc.; dependendo das intenções do escritor ou falante. Para essa compreensão foram discutidos autores como Koch (2015), Travaglia (2018) e Adam (2019), para reforçar a importância das tipologias para o ensino da língua e para o desenvolvimento da competência comunicativa. Ao focar no gênero discursivo redação escolar, que apesar de sua importância para o desenvolvimento crítico dos alunos, muitas vezes é tratado de forma mecânica, com temas repetitivos e pouco conectados à realidade dos estudantes, Geraldi (2006), mostra a necessidade de ressignificar essa prática, principalmente em contextos como o ENEM, em que a mecanização vem se tornando cada vez mais frequente.

Já a terceira seção aborda a concepção de autoria segundo a visão do Círculo de Bakhtin, dando destaque ao fato de que o autor não é um sujeito isolado, mas sim, alguém que enuncia a partir de um lugar histórico e social. Desse modo, entende-se que todo enunciado é enraizado por enunciados anteriores, além de antecipar enunciados futuros que possam vir a surgir e que a autoria é nesse caso descrita como um ato situado, imerso em valores, experiências, ideologias e interações sociais.

Sobral (2009), define o autor como alguém que produz sentidos que se constitui na relação entre sujeito, linguagem e contexto. O estilo é indissociável da autoria, que funciona de certa forma como marca subjetiva e valorativa no discurso. Para Bakhtin (2011), não há enunciado neutro, pois, o estilo expressa o vínculo afetivo e ideológico do autor com o conteúdo e com o interlocutor, sendo elemento essencial na constituição dos gêneros discursivos.

O capítulo também aborda conceitos como a individualidade e a subjetividade nos discursos sociais. A individualidade se apresenta na forma com que o falante se apropria e reorganiza discursos anteriores com base em sua visão dialógica; já a subjetividade segundo Silva (2015) e Possenti (2009), pode ser compreendida como processo dialógico, histórico e relacional, que estão presentes nas escolhas linguísticas e composicionais dos sujeitos, sendo por meio de tais escolhas que os

interlocutores constroem sentidos, revelam suas intenções e acabam deixando marcas pessoais em seus discursos.

Em conclusão, a seção quatro expõe e explica todos os procedimentos metodológicos utilizados ao longo da construção do presente trabalho, além da análise realizada, utilizando as redações retiradas do site do G1. A pesquisa qualitativa busca compreender profundamente os fenômenos estudados por meio de um processo reflexivo e sistemático, que vai da coleta à análise de dados, trazendo autores como Bogdan e Biklen (1982), Ludke e André (2001), e Gil (2008). Além disso, busca-se detalhar a pesquisa do tipo bibliográfica, utilizando materiais já publicados (livros, artigos, dissertações), sendo essencial para a fundamentação teórica do trabalho. Para isso, apresentamos as discussões de Gil (2008), dentre outros, trazendo também definições sobre a pesquisa documental, por sua vez, trabalha com documentos ainda não analisados ou passíveis de nova análise, como contratos, reportagens e diários.

Ademais, o capítulo também traz o corpus da pesquisa, no qual, são detalhadas as fontes para a coleta de dados, métodos utilizados para selecionar as redações e critérios de seleção, finalizando com a análise das quatro redações selecionadas. Por fim, chega-se à conclusão de que apesar do uso dos modelos coringas, criados por pessoas ou inteligências artificiais, os traços de autoria ainda se fazem presentes de forma significativa nas redações dos participantes do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). E isso se deve ao fato de que as marcas de estilo presentes nas produções dos alunos trazem suas escolhas e sua subjetividade, enquanto processo de constituição do sujeito e de seus discursos, todos carregados de valores e de visões de mundo distintas.

2 A LINGUAGEM EM BAKHTIN – PRESSUPOSTOS FILOSÓFICOS DE UMA TEORIA EM ACABAMENTO

2.1 Concepção de língua(gem) em Bakhtin e seu “Chamado Círculo”

Os estudos linguísticos vistos como ciência têm seu marco inicial no século XX, com os estudos de Ferdinand de Saussure. Seu "Curso de Linguística Geral", selecionado por Charles Bally e Albert Sechehaye em 1916, que mais tarde serviu de base para diversas pesquisas e estudos na área, sendo uma fonte riquíssima em conhecimento, tornaram-se referência mundial nos estudos linguísticos, sendo o ponto inicial de estudos em diversas graduações ao redor do mundo, além de incorporar de certa forma a maneira como conhecemos a linguagem atualmente. Saussure acreditava que a língua por si só é um sistema social, coletivo e estruturado, mas que existe de forma independente dos falantes que fazem uso da mesma, enquanto a fala é o uso individual desse mesmo sistema tornando a comunicação mais eficaz e prática.

Para Saussure, a língua é um objeto bem definido no conjunto heteróclito dos fatos da linguagem. Pode-se localizá-la na porção determinada do circuito em que uma imagem auditiva vem associar-se a um conceito. “Ela é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade” (Saussure, 2006, p. 22). Sendo assim, fica claro que para Saussure a língua é em outras palavras uma unidade por si só, ou seja, uma norma para as manifestações de linguagem que não pode ser alterada pelo falante, independente do contexto histórico presente, da cultura e sociedade. “A língua é, como para Saussure, um fato social, cuja existência se funda nas necessidades da comunicação” (Volochínov, 2017, p. 14).

A concepção de língua introduzida por Saussure é extremamente estruturalista, uma vez que entende a mesma como um sistema complexo construído por valores que, apesar de considerar a língua um fenômeno social, foi moldado e definido pelo uso de seus falantes presentes em uma mesma comunidade linguística, enquanto modelo a ser seguido. Porém, apesar de considerar a língua como um fenômeno social e moldado pela sociedade, para o estudioso não se podem ocorrer mudanças no sistema já formado e puro, diferentemente da visão de Mikhail Bakhtin, renomado

filósofo da linguagem que contrapôs algumas ideias de Saussure, principalmente no que se refere ao processo comunicativo, assim como afirma Silva (2015),

Ao colocar a função comunicativa numa perspectiva secundária aos fatos de constituição da essência da língua, esta linha de pensamento, denominada por Bakhtin e seu chamado círculo de Subjetivismo idealista, foi definido pelo interesse no ato individual da fala, o que significa dizer que o ato de produção linguística era comparado ao ato de criação artística, e isso era o que constituía o princípio fundamental da língua, enquanto um sistema de formas acabado (Silva, 2015, p. 113).

Desse modo, a abordagem do Círculo de Bakhtin dá valor ao caráter subjetivo e criativo da linguagem, indo além das visões estruturais ou mecânicas. A língua então deixa de ser meramente um sistema formal e passa a ser compreendida e analisada como uma prática viva situada e profundamente ligada à individualidade do sujeito falante que faz uso da mesma em seu cotidiano.

É de suma importância reconhecer que Mikhail Bakhtin (1895- 1975) foi um dos maiores pensadores dos conceitos envolvendo língua(gem) e literatura. O mesmo é reconhecido em uma escala global pelos estudiosos não só das áreas de estudo em questão, mas também em diversas áreas das ciências humanas, como sociologia, filosofia, linguística e teoria literária. O estudioso desenvolveu abordagens a frente de seu tempo em diversos aspectos da literatura e língua(gem), o que desafiou paradigmas que já haviam sido estabelecidos anteriormente, o que abriu um leque de possibilidades para estudos em relação a textos, cultura e sociedade, que em contextos anteriores foram analisados de formas isoladas.

Além de sua crítica ao pensamento estruturalista, Bakhtin também criticou o formalismo russo que focava apenas nas estruturas internas dos textos, analisando exclusivamente a forma e a organização da língua(gem) sem levar em conta todo o seu contexto social, político, histórico e principalmente ideológico. Na linha de pensamento formalista acreditava-se que tanto a literatura quanto a linguagem poderiam ser estudadas como simples sistemas fechados para o mundo real, com regras internas independentes de todos os aspectos de sua realidade externa, para além do escrito ou falado. O filósofo criticou essa visão pois, para o mesmo, a língua(gem) é essencialmente “dialógica” e se constrói a partir das interações sociais, não podendo ser analisada apenas por sua estrutura interna e fechada para o externo.

Juntamente com outros pensadores associados ao chamado “Círculo de Bakhtin” como Valentin Voloshinov e Pavel Medvedev, a concepção de língua(gem),

tendo como ponto de vista os estudos associados a tal Círculo, é a de que a linguagem é histórica, social, cultural e ideológica, não podendo se desprender de nenhum dos pontos citados anteriormente para seu entendimento de forma clara. Bakhtin desenvolveu sua concepção de língua(gem) baseado em uma crítica a sistemas de representações de linguagem mais tradicionais, sendo considerada, pelo autor, como algo vivo que está em constante mudança.

O chamado “Círculo de Bakhtin” tem a visão de que a língua se faz existente através da interação verbal, que de maneira geral só se torna real devido a sua materialização através da interação discursiva entre os sujeitos que fazem o uso da mesma. Sendo assim, o processo de enunciação torna a língua concreta entre os sujeitos reais que são os falantes da mesma, sendo indivíduos sócio historicamente situados fazendo parte de um evento único e irrepetível. Para Bakhtin, “o centro de gravidade da língua não reside na conformidade à norma da forma utilizada, mas na nova significação que essa forma adquire no contexto.” (Bakhtin, 1999, p. 92).

Para o autor, “a verdadeira essência da língua não é formada por um simples sistema abstrato de formas linguísticas, muito menos por enunciações isoladas do mundo real, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas sim pelo fenômeno social que se chama interação discursiva, realizada por meio da enunciação ou das enunciações no geral. A interação discursiva constitui a realidade fundamental da língua”. (Bakhtin, 1999).

Nesse sentido, tudo que é dito pode apresentar diversos significados, a depender do contexto, sendo algo que pode ser considerado ofensivo em algumas situações e em outros casos pode ser considerado um elogio. Desse modo fica claro que nessa visão as palavras ditas também podem ter sentidos diversos a depender do momento histórico no qual são proferidas, além de todas as questões sociais e culturais envolvidas no diálogo. Dessa forma, fica claro que a língua(gem);

[...] se apresenta aos locutores no contexto de enunciações precisas, o que implica sempre um contexto ideológico preciso. Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida (Bakhtin, 1999, p. 95).

Torna-se evidente que a visão apresentada por Bakhtin é diversificada das demais de sua época, já que o modo como ele entendia a língua(gem), por exemplo, é uma prova disso. O fato do filósofo considerar o sentido ideológico em seus estudos deixa claro que para se entender de forma clara tudo que engloba tal questão são necessários diversas análises e aspectos que antes não eram vistos como necessários para o entendimento da linguagem, além de incluir tudo aquilo que é vivencial para o interlocutor, ou seja, tudo aquilo que por ele foi vivido e fez parte de sua formação como pessoa na sociedade em que está inserido.

Desse modo, é nitidamente perceptível que a linguagem é um fenômeno complexo e de difícil compreensão em seu sentido geral. Ela não se limita a ser um mero meio de se comunicar, porém, é um reflexo de toda uma cultura, momento histórico, de um regionalismo e de uma forma ampla de uma sociedade com todos os seus aspectos ideológicos.

2.2 Interação e Dialogia em Bakhtin

A interação e a dialogia foram conceitos-chave nas obras de Mikhail Bakhtin e seu chamado Círculo que relacionaram a natureza das ciências humanas de uma forma dinâmica da linguagem e do discurso aos processos de interação discursiva que se estabelece com e por sujeitos historicamente determinados. A interação discursiva passa a ser a base de toda sociedade e dos processos de constituição dos sujeitos, segundo Silva (2015) “a interação discursiva constitui-se como o principal veículo na produção dos sentidos sociais e a dialogia como característica do trabalho desenvolvido pelos sujeitos com e sobre a linguagem” (Silva, 2015, p.120).

Sendo assim, a palavra se torna o ponto de partida para que a linguagem se torne possível e se faça existente no mundo real, como algo que possa ser ouvida ou lida, para então ser analisada. Seguindo por este caminho surgem as relações dialógicas que pressupõem a linguagem enquanto elemento constitutivo do mundo e dos sujeitos sociais. Segundo Bakhtin, tais relações não são existentes no sistema da língua. No pensamento Bakhtiniano a linguagem é ideológica, social e cultural, e nesse sentido a mesma não pode ser transmitida simplesmente de uma forma passiva, pois está diretamente ligada ao interlocutor e ao momento em que é proferida. Isso quer dizer que

Onde não há palavra não há linguagem e não pode haver relações dialógicas; estas não podem existir entre objetos ou entre grandezas lógicas (conceitos, juízos, etc.). As relações dialógicas pressupõem linguagem, no entanto elas não existem no sistema da língua. Não são possíveis entre os elementos da língua (Bakhtin, 2011, p. 323).

Seguindo tal perspectiva, o filósofo defende a importância da “palavra” que é o ponto inicial para que se exista a linguagem e conseqüentemente se torna o eixo central para a existência das relações dialógicas. Ademais, sem palavra não há linguagem, pois a mesma é fundamental para que todo o processo da comunicação verbal aconteça e a partir da linguagem em uso real torna-se possível que as relações dialógicas ocorram.

Na perspectiva de Bakhtin, nenhum discurso possui neutralidade, uma vez que se faz referente a algo dito anteriormente, ou pressupondo algo que será dito, além de que tudo que é dito é baseado em crenças e momentos vividos anteriormente pelo falante; até discursos proferidos por outros falantes da língua tem uma influência sobre o que pode ser dito e como pode ser falado, gerando uma série infinita de possibilidades para um mesmo discurso.

A interação a partir do estudioso se dá através de enunciações, sendo uma forma de agir no mundo concreto, que representa uma singularidade de cada falante, mas que ao mesmo tempo é algo social e histórico que surgem e se modificam em situações específicas do cotidiano, “Falar de ato nos termos de Bakhtin é falar de um agir geral que engloba atos particulares; por isso, falar de ato é falar ao mesmo tempo de atos” (Sobral, 2009, p.24). Seguindo essa visão os atos de fala têm elementos em comum que são eles,

[...] um sujeito que age, um lugar em que esse sujeito age e um momento em que age. Isso se aplica tanto aos atos realizados na presença de outros sujeitos como aos atos realizados sem a presença de outros sujeitos, aos atos cognitivos que não tenham expressão linguística etc. Falar de ato, portanto, pressupõe dois planos, um plano de generalidade, dos atos em geral, e um plano de particularidade, de cada ato particular, planos esses que estão necessariamente interrelacionados (Sobral, 2009, p.24).

Desse modo, o plano que corresponde à generalidade dos atos se faz presente em todas as interações dialógicas entre os falantes; por outro lado, o plano das particularidades está ligado à ideia de que os atos de fala concretos estão inseridos

aspectos ideológicos, culturais, sociais e históricos, ou seja, os contextos vividos por cada interlocutor se entrelaçam aos atos diretamente. Gerando assim todo um contexto dialógico que com uma infinidade de possibilidades em um diálogo, envolvendo passado e sem limites de alteração para o futuro segundo o próprio Bakhtin:

Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Nem os sentidos do passado, isto é, nascidos do diálogo dos séculos passados, podem jamais ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles sempre irão mudar (renovando-se) no processo de desenvolvimento subsequente, futuro, do diálogo. Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo, existem massas imensas e ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, em seu curso, tais sentidos serão lembrados e reviverão em forma renovada (em novo contexto). Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação (Bakhtin, 2003, p. 410).

De maneira geral o estado de acabado ou finalizado não existe no pensamento bakhtiniano; tudo pode ser retomado mesmo que esquecido por décadas. Por meio da interação dialógica, todos os termos da língua podem ser trazidos inúmeras vezes para o diálogo, sendo ressignificado a cada momento em que se é empregado. Essa concepção dialógica “propõe que a linguagem (e os discursos) têm seus sentidos produzidos pela presença constitutiva da intersubjetividade (a interação entre subjetividades) no intercâmbio verbal, ou seja, nas situações concretas de exercício da linguagem” (Sobral, 2009, p. 32), sendo a intersubjetividade indispensável no processo dialógico de interação entre os falantes da língua.

Com isso, o conceito de dialogismo se mantém ligado diretamente a interação discursiva, sendo o pilar central em todo processo de interação dos sujeitos, que são o locutor e o interlocutor, cada um desempenhando um papel de igual importância durante todo o processo de comunicação social. Segundo os estudiosos do Círculo de Bakhtin “o locutor e o interlocutor têm o mesmo peso, porque toda enunciação é uma "resposta", uma réplica, a enunciações passadas e a possíveis enunciações futuras, e ao mesmo tempo uma "pergunta", uma "interpelação" a outras enunciações” (Sobral, 2009, p. 33).

Para Sobral, “O diálogo é um fenômeno textual e um procedimento discursivo englobado pelo dialogismo, sendo apenas um de seus níveis mais evidentes no nível da materialidade discursiva” (Sobral, 2009, p. 34). Visto isso, percebe-se então que

os conceitos de diálogo e dialogismo, apesar de estarem diretamente ligados, não significam a mesma coisa em suas produções de sentido. De uma maneira geral o conceito de dialogismo é bastante amplo, tendo seu cunho filosófico, discursivo e textual, criando assim três planos distintos para o autor. Assim, no primeiro plano, o

Dialogismo designa em primeiro lugar a condição essencial do próprio ser e agir dos sujeitos. O sujeito só vem a existir na relação com outros sujeitos, assim como só age em relação a atos de outros sujeitos, nunca em abstração desses sujeitos e desses atos (Sobral, 2009, p.35).

Nessa perspectiva, o ser humano não é meramente um ser biológico, o sujeito apesar de vir ao mundo como um ser meramente biológico, torna-se social com seu meio através da interação com seus semelhantes. Apesar de uma diferença de fato existir entre o ser social adulto e o ser social criança, sendo a interação entre os adultos mais comum e com mais sentidos, a criança cedo descobre como manipular e se fazer presente durante a interação.

Já no segundo plano, o escritor direciona seu foco para a produção de enunciados e sentidos, afirmando que a produção de sentidos só é possível por causa do dialogismo, pois desse modo, cada enunciado só faz sentido realmente quando relacionado a outros enunciados. Para Sobral (2009), o dialogismo designa em segundo plano as condições necessárias para a produção de discursos, do sentido, desse modo a linguagem está ligada diretamente aos usos e situações sociais a que somos expostos. Isso quer dizer que o sentido nasce de diálogos, tornado-se mais amplo através de formas vivenciadas em enunciados passados, além de formas de enunciados futuros que possam vir a ser produzidas independentemente do “texto” desses discursos, porém sempre levando em conta as formas textuais produzidas presentes nos discursos.

Nesse sentido, enunciados e discursos não surgem de forma isolada, mas sim de uma interação que acontece de forma contínua entre os interlocutores, envolvendo diretamente discursos passados e futuros. Fica claro que, quando produzimos qualquer que seja o enunciado em um processo de interação discursiva, ele não é totalmente novo ou autoral, pois carrega influências de discursos já ditos e influenciando de forma positiva, ou não, os discursos vindouros. Da mesma forma, antecipa possíveis respostas e interpretações no futuro, tendo assim uma influência direta em sua construção e com o que realmente quer ser dito com tal discurso.

No terceiro e último plano, Sobral relaciona a ideia de que, o dialogismo é o ponto inicial é de suma importância para a construção e compreensão dos enunciados e discursos. Sendo assim, não se restringindo a cópias de interações textuais, mesmo que não haja uma troca direta entre falantes o diálogo implícito sempre existe entre os discursos. Para o autor,

Dialogismo é, por fim, a base de uma forma de composição de enunciados/discursos, o diálogo. O dialogismo não se restringe às réplicas "mostradas" de uma interação na superfície textual, que é a função da forma diálogo. Além disso, o fato de não se separarem "falas" num texto não implica a inexistência de um diálogo. Do mesmo modo, "diálogo" não tem aqui o sentido do senso comum (Sobral, 2009, p. 36).

Sendo assim, cada enunciado que é produzido tem relações com outros discursos, seja com a intenção de concordar, complementar ou reformular ideias. Ademais, todo enunciado seja falado ou escrito se formula a partir de relações com outros discursos já existentes e possíveis discursos futuros, sejam eles explícitos ou implícitos, o que exclui o pensamento de que o diálogo é apenas uma troca de falas diretas entre seus interlocutores, como em uma simples peça teatral ou uma conversa entre amigos.

Segundo Silva (2015), o dialogismo para Bakhtin reconhece a existência da necessidade de abranger a presença do outro com quem o sujeito dialoga em suas interações discursivas. Desse modo, fica claro que os sentidos que são atribuídos pelos sujeitos a seus discursos permeiam pela relação do dialogismo. Nesse processo, a linguagem surge como o instrumento responsável não apenas pela constituição dos sujeitos que dizem ou escrevem, mas também pelas diversas maneiras singulares presente em cada um desses sujeitos de como dizem e escrevem.

Portanto, não existe linguagem sem a presença da interlocução, mesmo que o interlocutor consiga falar ou escrever sozinho, o mesmo sempre considera o "outro", sendo real ou não, como alguém que responde ou reage ao que foi dito. Isso quer dizer que, ao construir qualquer enunciado, o sujeito construtor já prevê possíveis interpretações, concordâncias ou discordâncias que possam vir a surgir a partir de sua fala. Consequentemente, o significado de cada enunciado não é singular ou determinado apenas por quem o cria, ele é construído na interação com outros discursos que se fazem ou fizeram presentes em algum momento, desse modo, um

mesmo enunciado pode gerar diversos sentidos dependendo do contexto em que se é proferido, além do interlocutor que o cria.

Por fim, o dialogismo de Bakhtin reafirma que a língua(gem) é interativa e jamais isolada, além de que todo enunciado escrito ou falado sempre está em uma constante relação com os discursos produzidos anteriormente ou que possam surgir futuramente, além da língua se moldar com todo contexto social, histórico, político e ideológico que a envolve. Sendo assim, a interação não ocorre de maneira neutra ou linear, mas sim, como um processo dinâmico, marcado pela interação entre falantes e pelas diversas interpretações possíveis que podem vir a surgir. A presença do outro, mesmo que implícita, é inevitável no processo de construção de sentidos, tornando a língua/linguagem um fenômeno vivo e em contínua transformação.

2.3 Polifonia e Plurivocidade

As contribuições de Bakhtin foram de suma importância no campo da linguística para a compreensão da linguagem em sua dimensão social. O filósofo introduziu conceitos muito relevantes que aprimoraram e ampliaram os conhecimentos sobre a linguagem, discurso, ideologia e relações dialógicas. Dentre esses conceitos podemos destacar o de polifonia e o de plurivocidade; ambos importantes para o entendimento das diversas vozes presentes nas interações sociais dos sujeitos. O termo polifonia segundo Bakhtin (2010) que vem da música e que significa a multiplicidade de diferentes sons (vozes), nunca é neutra; ela sempre se entrelaça com as diversas vozes que envolvem os diferentes discursos e, conseqüentemente, os efeitos de sentidos que são constituídos.

De maneira geral, o termo vai muito além de um simples conjunto de vozes presente no discurso; a polifonia representa a “importância” que todas as vozes têm no discurso de forma igualitária; esse conceito de igualdade advém da literatura explorada por Bakhtin durante sua vida. O mesmo concluiu que apenas nas obras de Dostoiévski essa igualdade foi mantida de forma coerente entre seus personagens além de que segundo Brait, “a questão da polifonia o elemento central a ser perseguido nessa leitura e que, segundo o autor, foi abordada de maneira insuficiente mesmo por críticos que souberam as particularidades da poética do autor” (Brait, 2015, p. 52). Desse modo Bakhtin diz que,

A multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis e a autêntica polifonia de vozes plenivalentes constituem, de fato, a peculiaridade fundamental dos romances de Dostoiévski. Não é a multiplicidade de caracteres e destinos que, em um mundo objetivo uno, à luz da consciência una do autor se desenvolve nos seus romances; é precisamente a multiplicidade de consciências equipolentes e seus mundos que aqui se combinam numa unidade de acontecimento, mantendo a sua imiscibilidade. Dentro do plano artístico de Dostoiévski, suas personagens principais são, em realidade, não apenas objetos do discurso do autor, mas os próprios sujeitos desse discurso diretamente significante (Bakhtin, 2010, p. 2-3).

Desse modo, é evidente que nas obras de Dostoiévski a multiplicidade das vozes não é dependentes do autor, como é comum na literatura clássica, em vez disso os personagens apresentados por ele apresentam uma multiplicidade de consciências independentes, ou seja, cada personagem criado pelo mesmo possui uma voz própria; bem como, tais vozes não se diluem juntamente com a voz do autor e muito menos são subordinadas a uma linha de pensamento central.

Sendo assim, não há de fato uma verdade única formada pelo autor-narrador, mas uma pluralidade diversificada de verdades em tensão, cada uma representada por uma consciência autônoma própria. Tal autonomia se destaca em cada voz apresentada por seus respectivos personagens, o que se diferencia dos romances tradicionais, nos quais a consciência do autor costuma ocupar uma posição superior, gerando assim um responsável por organizar e estruturar os acontecimentos e, de certa forma, orientar a interpretação que o leitor possa ter.

Tal estrutura cria de certa forma uma relação hierárquica tradicional entre as vozes dos personagens e que funcionam como equipamentos para transmitir a visão de mundo que o autor carrega consigo, não sendo nada além de meros objetos de seu discurso. Bakhtin por sua vez batizou esse tipo de estrutura monológica, em outras palavras, um tipo de estrutura narrativa que apesar de apresentar várias vozes existe uma única consciência que domina, a do próprio autor, que impõe a verdade final a todos os aspectos da obra. Ademais, a obra de Dostoiévski vai além do plano monológico,

Para o pensamento crítico literário, a obra de Dostoiévski se decompõe em várias teorias filosóficas autônomas mutuamente contraditórias, que são defendidas pelos heróis dostoiévskianos. Entre elas as concepções filosóficas do próprio autor nem de longe figuram em primeiro lugar. Para uns pesquisadores, a voz de Dostoiévski se confunde com a voz desses e daqueles heróis, para outros, é uma síntese peculiar de todas essas vozes ideológicas, para terceiros, aquela é simplesmente abafada por estas (Bakhtin, 2010, p. 1).

Tal fato pode levar a diversas interpretações críticas, mas o ponto é que as múltiplas vozes presentes nas obras de Dostoiévski, mesmo que confusas para alguns, são exatamente o que Bakhtin chama de polifonia. Resultando assim, no surgimento de romance polifônico, Dostoiévski “criou um gênero romanesco essencialmente novo. Por isto sua obra não cabe em nenhum limite; não se subordina a nenhum dos esquemas histórico-literários que costumamos aplicar às manifestações do romance europeu” (Bakhtin, 2010, p. 3), sendo posteriormente considerado um mundo polifônico, que fugiu totalmente dos padrões europeus, já que existia “a tarefa de construir um mundo polifônico e destruir as formas já constituídas do romance europeu, principalmente do romance monológico” (Bakhtin, 2010, p. 4).

Essa posição veio quebrar de vez o tradicionalismo presentes nas obras europeias, em virtude da multiplicidade das vozes que se encontram em conflitos, existindo de maneiras independentes. Contudo, a originalidade de Dostoiévski não se baseia no fato simples do mesmo ter reconhecido o valor da individualidade de seus personagens, visto que, (outros já o haviam feito isso antes dele), mas de ter sido capaz de reconhecê-los em termos objetivos-artísticos e mostrá-los como o outro em pontos centrais, como a individualidade do outro, sem torná-la lírica de certa e forma, sem misturar ela a sua voz e no mesmo momento sem diminuí-los a uma realidade psíquica objetificada” (Bakhtin 2010).

O que mostra a genialidade e a criatividade presentes nas obras de Dostoiévski, tendo uma grande importância para compreender e analisar as relações polifônicas presentes na sociedade, são as discussões sobre as relações dialógicas que surgem nos processos de interações entre os falantes, principalmente, quando se busca compreender os lugares em que os discursos se encontram quando são proferidos ou escritos, além das relações interpessoais que os sujeitos detêm na sociedade, o que pode levar mudanças nas formas de interpretação de cada discurso e em cada momento histórico que são formulados.

Diferentemente do conceito de Polifonia, o Círculo de Bakhtin também discute o conceito de plurivocidade. Enquanto a polifonia refere-se às múltiplas vozes autônomas e conscientes presentes em um mesmo texto ou discurso, a plurivocidade, segundo Mdvedev, membro do Círculo, seria o resultado de diferentes formas de viver e entender a realidade que é única em cada pessoa, sendo representadas através do signo linguístico, ou seja, as palavras e discursos utilizados por nós, fazendo parte de um funcionamento dinâmico da língua(gem) que está sempre em movimento e nunca

finalizada gerando assim sentidos variados e muitas vezes contraditórios uns dos outros.

Seguindo essa visão a plurivocidade seria a capacidade que a linguagem detém de gerar diferentes significados para um mesmo assunto, por exemplo, uma notícia de jornal que pode ser interpretada das mais diversas formas, a depender das visões de mundo e perspectivas que o sujeito carrega consigo mesmo, manifestando-se pela multiplicidade das vozes que se misturam e interpretam o discurso. Para Bakhtin (2014) a língua não é nem nunca será estética ou finalizada, a mesma é viva. Assim,

[...] na prática viva da língua, a consciência linguística do locutor e do receptor nada tem a ver com um sistema abstrato de formas normativas, mas apenas com a linguagem no sentido de conjunto dos contextos possíveis de uso de cada forma particular (Bakhtin, 2014, p 98).

Ou seja, quando fazemos uso da língua(gem) seja para falar ou ouvir, não estamos focados em regras gramaticais ou em estruturas abstratas da língua; o foco direcionado é o contexto em que se está inserido num determinado momento, ou seja, o mundo real em que a comunicação social acontece. Além de que o ato de pensar, falar e escrever é sempre singular e único; apesar de algumas interpretações serem parecidas em alguns pontos, a plurivocidade sempre se faz presente entre os falantes.

Por fim, fica claro a importância tanto da polifonia quanto da plurivocidade não apenas em contextos hipotéticos ou literários, mas sim no uso cotidiano da linguagem demonstrando a importância da diversidade e multiplicidade das vozes do discurso que se fazem presentes em todos os usos da língua, trazendo consigo um enriquecimento histórico, social, cultural e ideológico.

3 OS GÊNEROS DO DISCURSO EM BAKHTIN

3.1 Conceituando Gênero Discursivo na perspectiva bakhtiniana

Mikhail Bakhtin, um dos autores mais importantes e mencionados quando se discute “gêneros” no Brasil, apesar de diversas visões referentes ao tema devido sua diversidade conceitual e terminológica, vai definir os gêneros do discurso como “formas relativamente estáveis e normativas de enunciados” (Bakhtin, 2011, p. 286). Isso quer dizer que quando se fala em gênero discursivo, do ponto de vista do Círculo, fala-se de algo que é ao mesmo tempo estável e mutável. (Sobral, 2009, p.115); tornando-se estável por conservar alguns traços essenciais que o identificam como tal e ao mesmo tempo mutável pois se modifica a cada vez que se encontra em uso.

Em seus textos, o estudioso discutiu a importância de se conhecer e dominar os gêneros do discurso para uma melhor compreensão em relação a todos os processos de construção da comunicação social. Os gêneros são para Bakhtin (2011) formas relativamente estáveis que organizam a língua(gem) em diferentes níveis da sociedade humana, como literatura, ciência, política e cotidiano. Quando dominamos um gênero conseguimos utilizá-lo com mais facilidade e flexibilidade além de moldá-lo de acordo com a real situação de interação discursiva. Além disso, conhecer um gênero de forma ampla permite ao escritor ou falante expressar-se com maior naturalidade e deixar claro opiniões, individualidades e intencionalidades, assim como diz o filósofo,

Quanto melhor dominamos um gênero tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação; em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto de discurso (Bakhtin, 2011, p. 285).

Na perspectiva bakhtiniana os gêneros do discurso surgem para um falante no início de suas vidas, assim como afirma Silva (2015, p. 126) “os gêneros do discurso, os quais os falantes têm acesso e passam a produzir desde o início de atividades com a linguagem.” Desse modo, é evidente a importância de entender como funcionam os gêneros que nos cercam desde o começo de nossas vidas e nos seguem até o final, mesmo que de maneiras imperceptíveis para alguns.

Ao discutir os gêneros discursivos como enunciados relativamente acabados e como resultado das práticas sociais de interação verbal, Bakhtin vai dizer que esses podem ser tanto primários quanto secundários. Os primários seriam, para o autor, aqueles que são representativos de práticas discursivas orais, ou seja, “os gêneros que se originam nas esferas cotidianas são os gêneros primários, modalidades menos complexas, advindos de interações verbais espontâneas, quer dizer, não elaboradas no ambiente da cultura letrada” (Sobral, 2009, p. 121-122), sendo assim menos formais e mais naturais, podendo surgir em conversas do dia a dia, como em uma interação entre amigos, mensagens de celular, dentre outros. Ademais, não exigem um grande domínio técnico da fala ou escrita, por isso são menos complexos.

Já os secundários, são definidos como uma derivação dos primários, sendo mais complexos, principalmente em suas formas escritas. “Os gêneros secundários absorvem e transmitem os gêneros primários, que perdem no processo sua relação direta com a interação imediata e com os enunciados alheios” (Sobral, 2009, p.122). De certo modo seria como se pegar uma fala do dia a dia e a transformar em um formato mais elaborado e com uma função mais formal ou refinada como, por exemplo, uma entrevista feita na rua que é transformada em uma matéria de jornal com linguagem formal, estrutura textual, edição e revisão. Ademais,

Os gêneros secundários partilham com os primários não só a estabilidade como o dinamismo: cada esfera de atividade que não é determinada nem fixada por nenhum agente individualizável, mas vem a existir no âmbito da arena de vozes que é a sociedade, mergulhada na história - desenvolve continuamente suas próprias modalidades de uso da língua, sujeitas a permanentes alterações, embates, apropriações, justaposições etc. (Sobral, 2009, p. 122).

Seguindo essa visão, Bakhtin relaciona os gêneros primários e secundários mutuamente, pois considera todos os processos históricos e sociais presentes na sociedade que estamos inseridos, passando a considerar, principalmente, os secundários pois reconhecem os primários em suas amplitudes.

Além disso, o filósofo tinha a visão de que a linguagem não é um sistema homogêneo nem muito menos fechado, mas um espaço de forças que estão sempre em tensão e movimento, introduzindo assim a ideia das forças centrípetas que são aquelas que tendem a juntar e centralizar a língua, impondo regras, normas e determinados padrões, além puxarem a linguagem para um “centro”, tentando

estabilizá-la e torná-la uniforme, como por exemplo a norma culta da língua portuguesa ensinada nas escolas.

Entretanto, o autor deixa evidente que apesar dessa visão tradicional há a dinâmica diversificada real da vida linguística, que é formada pelas inúmeras relações históricas, sociais e ideológicas existentes entre os sujeitos. As relações sociológicas que acontecem fora da língua são responsáveis por sua contínua construção e nunca finalização por completa, isso ocorre graças à atuação das forças centrífugas, que são responsáveis por tornar a língua mais ampla e descentralizada. As forças centrífugas são aquelas que tendem a diversificar e descentralizar a língua, criando variações e inovações. Essas forças se fazem presentes em cada situação concreta de fala ou de escrita sem exceções, pois cada enunciado é constituído a partir da interação, do contexto e do diálogo entre as pessoas envolvidas no processo de comunicação discursiva (Bakhtin, 2011).

Sendo assim, seguindo a visão bakhtiniana, os gêneros do discurso são constituídos por três elementos ou dimensões do discurso, quais sejam: temática, estrutura composicional e estilo.

Para o estudioso a temática é tudo aquilo que pode ser dito em um gênero, ou seja, os assuntos e temas típicos, que estão diretamente relacionados às necessidades que existem em cada gênero, além de ser determinada pelas regras de convenções exigidas em cada gênero para seu melhor entendimento, execução e objetividade. Sobre isso, Silva diz que “essa escolha é sempre orientada pelo contexto social em que a interação se efetiva, pela temática e, principalmente, pela necessidade de seus interlocutores” (Silva, 2015, p.129).

Entende-se assim, que a temática exigida em cada gênero pode variar de acordo com o contexto em que o gênero está inserido, apesar de que alguns pontos temáticos devem ser sempre mantidos para não se perder a essência do gênero em questão, como por exemplo uma notícia jornalística que deve apresentar informações objetivas e organizadas. Para Bakhtin (2011) a temática de um gênero está diretamente ligada ao campo da comunicação verbal a que a mesma pertence. Apesar dos temas terem a possibilidade de serem muito diversos, cada esfera detém de um leque significativamente estável de temas próprios que se desenvolvem e se fixam historicamente com o passar dos anos. Desse modo, é evidente como a comunicação é essencial para a formação e integração da temática, além de que os contextos

históricos presentes em cada gênero influenciam em como a temática se constitui em cada época.

Já a estrutura composicional dos gêneros envolve a formas como eles se organizam e se apresentam para cumprir o intuito discursivo do sujeito enunciador. Apesar dessa estrutura não ser fixa, tais padrões facilitam a identificação dos mesmos, sendo vistos como fundamentais para a compreensão entre os interlocutores de forma mais simplificada e rápida, visto que, baseiam-se em padrões e expectativas pré-existentes. Assim, entendemos que a formação de um gênero está diretamente relacionada na maneira em que o enunciado se organiza, como se distribuem no mesmo toda a parte constitutiva, qual lugar se ocupa a fala do autor, como é introduzida a fala do outro a estrutura composicional é, portanto, um dos elementos que mais evidentemente diferenciam os gêneros uns dos outros. (Bakhtin, 2011)

Por fim, o filósofo se refere ao estilo do gênero como a escolha dos recursos lexicais, gramaticais, sua construção composicional, aos tipos de construção sintática e às formas de sua combinação de uma determinada língua, sendo tudo determinado pelo gênero do discurso (Bakhtin, 2011). Desse modo, é evidente que as escolhas de um enunciado sejam faladas ou escritas não depende exclusivamente do interlocutor, mas também recebe um condicionamento do próprio gênero do discurso que está sendo utilizado. Assim, o estilo não pode ser separado do gênero, pois ele é uma das partes que distingue e torna único cada gênero ajudando a moldar a identidade e atender às expectativas dos interlocutores dentro de uma esfera social ou comunicativa específica.

3.2 Gênero discursivo e Tipologias textuais

Inicialmente, “tipologias de textos e gramáticas de textos apareceram nos anos 1970, no movimento formalista e na euforia da gramática gerativa e transformacional” (Adam, 2019, p. 12), sendo relativamente novos no contexto linguístico. Logo, as tipologias tentaram minimizar o grande número de manifestações presentes nos textos, além de propor o uso de gramáticas específicas.

A reflexão referente aos diferentes modos de organização de um texto tem se tornado cada vez mais destaque nos estudos linguísticos e discursivos da atualidade, porém a discussão em torno das classificações tipológicas nem sempre foi vista da

mesma forma no campo linguístico, visto que houve certa resistência quanto à adoção de modelos tipológicos ou teorias dos gêneros, apesar de tal rejeição ser compreensível visto que o assunto era algo relativamente novo. Adam (2019) afirma que

Os debates sobre as classificações tipológicas parecem ter sido limitados ao campo da didática do francês como língua materna, como língua estrangeira e segunda língua, ou ainda ao domínio da literatura (através da poética), porque os linguistas expressaram muitas vezes certa desconfiança em relação às teorias dos gêneros e às tipologias de textos (Adam, 2019, p. 12).

Sendo assim, é nítido que o processo de resistência histórica reprimiu inicialmente o potencial das tipologias textuais em relação às análises e seus usos, mas essa resistência tem sido progressivamente superada, a medida em que se reconhece a importância dessas categorias para uma melhor análise, compreensão e funcionamento do discurso, além da compreensão das práticas sociais de uso da linguagem em contextos variados. Ademais, fica claro a importância das tipologias para análises de textos/discursos, principalmente do momento histórico em que se vive atualmente, uma vez que, os meios de comunicação tem tido uma crescente evolução nas últimas décadas e gerado todo um ambiente virtual no qual diversos discursos circulam de maneira nova e inesperada.

Sabe-se que o processo de compreensão dos diferentes modos em que um texto pode se organizar é essencialmente importante para o desenvolvimento da competência comunicativa dos falantes. Seguindo tal visão, a tipologia textual se apresenta como umas das ferramentas mais importantes para o ensino da língua(gem), permitindo reconhecer e produzir textos de forma mais eficaz, baseados em suas finalidades comunicativas que podem ser as mais variadas possíveis. Travaglia (2018) destaca que o dizer sempre se faz por meio de categorias de textos (tipos, subtipos, gêneros, espécies) e por essa razão, o ensino da língua precisa estar diretamente ligado a essas categorias para que o aprendizado seja significativo e contextualizado.

Para compreender um gênero discursivo é importante saber reconhecer as tipologias que estão presentes no mesmo, já que um gênero discursivo pode apresentar mais de uma tipologia em sua composição. Travaglia (2018), traz consigo um termo para se aprofundar nos componentes funcionais de um texto, o

“tipelemento” que são unidades que fazem parte do texto e ajudam a realizar as funções desses tipos textuais. Para o autor,

[...] Os tipelementos mantêm entre si relações específicas que devem ser consideradas ao se estruturar e propor tipologias, para não alinhar, em um mesmo plano, elementos de naturezas diferentes e distintas e que são importantes no ensino/aprendizagem de línguas. (Travaglia, 2018, p. 1336-1400)

Seguindo esse conceito, é possível notar que a organização das categorias textuais exige um olhar atento às suas naturezas distintas, o que implica diretamente em como os textos são apresentados no ambiente escolar. Os tipelementos mantêm relações entre si apesar do autor ter separados os mesmos em quatro conceitos sendo eles tipo, subtipo, gênero e espécie, o foco principal é voltado para o elemento “tipo”, que para o estudioso “tipo é identificado e se caracteriza por instaurar um modo de interação, uma maneira de interlocução segundo perspectivas que podem variar constituindo critérios para o estabelecimento de tipologias diferentes” (Travaglia, 2018, p. 1336-1400).

Tal afirmação se refere à tipologia textual, pois indica que cada tipo de texto se define por instaurar uma forma específica de interação entre os falantes envolvidos no processo de comunicação dos sujeitos, ou seja, os tipos textuais como a narração, a descrição, a dissertação, a exposição e a injunção, não são apenas classificações estáticas, mas sim maneiras de organizar um determinado discurso o que implica em funções comunicativas distintas, fazendo com que surjam diferentes formas de relação entre quem escreve e quem lê.

A narração, por sua vez costuma colocar quem a lê em posição de alguém que acompanha o que está sendo dito ou escrito na visão de um narrador independente, se o leitor concorda ou não com tal visão; já a dissertação cria uma relação de tentar convencer o leitor com uma visão mais racional e argumentativa envolvendo muito mais o raciocínio lógico, além de fatos comprovados.

Sendo assim, os tipos de textos se caracterizam com base nos processos de interlocução entre os interlocutores, sendo facilmente alterados de acordo com os aspectos que são determinados em cada tipologia textual, independentemente do tipo textual ser baseado na intenção comunicativa, na estrutura interior do texto ou nos recursos linguísticos. Desse modo, fica claro que as tipologias textuais são

basicamente meios de interação textual que servem como base para o processo de desenvolvimento e compreensão dos textos.

Segundo Koch (2015), às tipologias textuais em si não são o que poderíamos chamar de formas puras, mas sim padrões que devem ser seguidos para uma organização discursiva em função do objetivo comunicativo, sendo essa compreensão sobre as tipologias primordial para a análise textual, pois a mesma permite localizar as estratégias utilizadas pelos interlocutores no processo de construção de sentidos e na realização de ações comunicativas específicas. Desse modo, um mesmo texto pode apresentar traços de diferentes tipos textuais, mesmo que um se sobressaia sobre o outro.

A predominância de uma tipologia textual, se liga diretamente às intenções impostas pelo autor em seu processo de produção, além da função que o texto desempenha em sua interação comunicativa. Nesse caso, compreender as tipologias é essencial para a análise textual/discursiva, pois além ser útil para identificar para identificar estratégias nas construções de sentido pelos interlocutores, também tem a função de notar a realização de ações comunicativas específicas.

Portanto, compreender as diferentes tipologias textuais é crucial não apenas para analisar e produzir textos, mas também para o enriquecimento das competências comunicativas entre os sujeitos nos mais diversos contextos sociais. A partir dos estudos de Adam, Travaglia e Koch, fica notório que a organização dos textos vai muito além das classes rígidas, trata-se de reconhecer os padrões existentes que formam um dinamismo de interações que variam conforme a intenção comunicativa, a estrutura e os recursos linguísticos empregados.

Por fim, dominar as tipologias textuais permite aos falantes e escritores uma atuação mais fixa, consistente e eficaz no uso da língua(gem), além é claro de possibilitar uma leitura mais crítica, ampla e aprofundada dos discursos que circulam em nossa sociedade. Desse modo, no âmbito do ensino e uso da língua(gem), é indispensável o uso correto das tipologias textuais, uma vez que as mesmas integram subsídios teóricos e práticos para a formação de usuários da língua mais competentes, reflexivos e críticos em diversos assuntos que são de interesse geral da população como, por exemplo, no discurso político e nas múltiplas possibilidades de comunicação que caracterizam o mundo contemporâneo.

3.3 O Gênero discursivo: Redação Escolar

A redação escolar é um dos gêneros discursivos que se faz mais presente em todo o contexto educacional e exerce um papel fundamental no processo de ensino de todos os estudantes, além de ser enriquecedora na formação linguística e crítica dos mesmos. Seguindo a visão bakhtiniana a linguagem é um fenômeno social, histórico e ideológico. Desse modo, os gêneros do discurso refletem uma visão das diferentes esferas da atividade humana. Sendo assim, a redação escolar pode ser considerada como um gênero discursivo marcado pela esfera escolar, com propósitos e fins definidos previamente.

Assim como Marcuschi (2008) se refere à escola, que se apropriar dos gêneros discursivos que estão presentes na sociedade, os modificando em gêneros escolares, muitas vezes desconsiderando as condições reais de produção e circulação desses textos, o gênero discursivo redação escolar carrega consigo um grande peso na vida dos estudantes e da população brasileira como um todo, visto que sua produção é um dos critérios avaliados para a população ter acesso à educação superior gratuita de qualidade através do “Exame Nacional do Ensino Médio”, uma vez que a redação é parte integrante e fundamental na nota geral que define, em muitos casos, a aprovação ou não dos participantes no processo seletivo para os tão sonhados cursos.

As redações escolares devem apresentar sempre uma sequência lógica e que faça sentido, apesar de não ser uma propriedade fixa ou objetiva do texto, mas algo que deve ser construído pelo autor, porém é essencial que tal coerência seja entendida pelo leitor, independente do contexto social em que ele se encontra. Segundo a visão de Koch (2014), para que um texto tenha uma manifestação linguística constituída, é preciso que de alguma forma haja interação entre o escritor e seus leitores, uma vez que a coerência de um texto não garante que haja uma boa qualidade naquilo que está escrito. Em outras palavras, um texto pode ser coeso e não ser bem avaliado por quem o lê. Ademais, um texto se torna coerente para um interlocutor em determinadas condições específicas, como conhecimentos e imagens mútuas, crenças, convicções, atitudes, pressuposições, intenções explícitas ou veladas, situação comunicativa imediata, contexto sociocultural e assim por diante.

Fica claro que o processo para um texto ser considerado coerente vai muito além da ativação de elementos linguísticos que se fazem presentes no enunciado,

ficando nítido que em um texto há muito “do que os olhos podem ver” (Transformers, 2007), uma vez que é necessário certas condições tanto para quem lê quanto para quem escreve, como por exemplo, o contexto sociocultural em que a redação está inserida e foi escrita, visto que tal fato interfere diretamente no processo de produção; tentar compreender todas as informações e intenções comunicativas explícitas e implícitas que se fazem presentes no texto; o uso do conhecimento enciclopédico; levar em conta ideologias e atitudes compartilhadas. Desse modo, a coerência é sempre relacionada e constituída no processo de interação entre leitor, situação comunicativa e texto.

Reconhecemos assim, que as redações escolares fazem parte das aulas de língua portuguesa, apesar de que em diversos casos esse tipo de produção textual torna-se algo mecânico e repetitivo, uma vez que o processo de construção de uma redação se tornou um “produto” para o meio estudantil, que tem seu processo de produção orientado por modelos prontos de redação, e isso tem interferido diretamente no entendimento de como se constrói esse tipo de texto. Geraldi (2006) traz consigo a visão de que

O exercício de redação, na escola, tem sido um martírio não só para os alunos, mas também para os professores. Os temas propostos têm se repetido de ano para ano, e o aluno que for suficientemente vivo perceberá isso. Se quiser, poderá guardar redações feitas na quinta série para novamente entregá-las ao professor da sexta série, na época oportuna: no início do ano, o título infalível “Minhas férias; em maio, “O dia das mães”; em junho “São João”, em setembro, “Minha Pátria”, e assim por diante... Tais temas, além de insípidos, são repetidos todos os anos, de tal modo que uma criança de sexta série passa a pensar que só se escreve sobre essas “coisas”. Para o professor, por outro lado, vem a decepção de ver textos mal redigidos, aos quais ele havia feito sugestões, corrigido, tratado com carinho. No final o aluno nem relê o texto com anotações. Muitas vezes o atira ao cesto de lixo assim que o recebe (Geraldi, 2006, p. 64-65).

É notório a crítica que o autor faz à maneira como esse exercício é tradicionalmente conduzido nas escolas, onde a prática que envolve a produção desse gênero textual, inicialmente, dá-se devido aos temas utilizados, que para o estudioso muitas vezes são repetitivos e previsíveis. A falta de inovação ou ligação com os interesses e experiências reais dos estudantes faz com que o gênero em questão não se torne atrativo em muitos casos, o que acaba por deixar o processo de produção ainda mais mecânico. Desse modo, tornou-se uma prática comum reutilizar produções antigas em momentos atuais, visto que, mesmo que os temas não sejam exatamente

iguais, vários elementos e argumentos são utilizados com alguma adaptação simples, deixando os estudantes acomodados. A crítica, portanto, recai sobre a falta de propósito real nas práticas de produção textual escolares ao longo dos anos, que acabam esvaziadas de sentido tanto para quem ensina quanto para quem aprende.

Com isso, orienta-se que o processo de produção de uma redação deve ser feito com muito cuidado e empenho por parte de quem o faz, inicialmente é necessário que haja a compreensão do tema em questão, além da compreensão sobre o próprio gênero. O segundo ponto a ser seguido é o planejamento, momento para organizar as ideias, opiniões e principalmente argumentos que possam ser utilizados na produção para defender e a ideia apresentada pelo próprio escritor, além de selecionar citações que possam enriquecer a produção e auxiliar no convencimento do leitor. Em um terceiro momento, após a organização das ideias, orienta-se a para a primeira escrita do texto em si, sendo considerado um rascunho inicial; em seguida é feita a leitura do que foi escrito em busca de erros referentes à coesão e coerência textuais, ideias mal elaboradas e melhorias para a compreensão do leitor; e por fim, é feita a reescrita, no qual se orienta para a supressão dos desvios encontrados, adicionando-se possíveis melhorias.

O processo de constituição de uma redação deve conter três partes fundamentais para sua essência quanto à produção, são elas: introdução, desenvolvimento e conclusão. A introdução é o passo inicial em todo o processo; é nela em que se deve apresentar o tema, as opiniões e os argumentos para se defender a opinião proposta. A introdução é de extrema importância para se prender a atenção do leitor assim que se inicia a leitura, um bom começo pode criar grande entusiasmo e expectativas referente a produção textual/discursiva.

Em seguida, deve-se encontrar o desenvolvimento, a parte em que os argumentos citados anteriormente na introdução devem ser desenvolvidos ao máximo para um melhor entendimento e convencimento do leitor sobre a opinião dada anteriormente. Geralmente essa parte é dividida em dois parágrafos que vão dialogando progressivamente. Além de uma questão de estética, cada parágrafo deve desenvolver um argumento, sendo permitido o uso de citações para enriquecer o texto.

Por fim, surge a conclusão, a parte em que o autor deve retomar a proposta abordada ao longo de toda a redação e fechar sua ideia e posicionamento adotado sobre o tema, ampliando todo o sentido do que já foi dito anteriormente. E no caso de

redações dissertativas-argumentativas, como a do exame nacional do ensino médio (Enem), é esperado que se ponha uma possível solução detalhada e explicativa para o problema que foi discutido.

4 A VISÃO DE AUTOR(IA) NO CÍRCULO DE BAKHTIN

4.1 Autoria e estilo na produção de gêneros discursivos: retomando a arquitetônica do pensamento do círculo de Bakhtin.

O círculo de Bakhtin refere-se à autoria não como um simples ato individual de criação, mas sim como um posicionamento adotado pelo sujeito dentro das mais diversas interações verbais e sociais. Como na visão bakhtiniana toda produção discursiva é dialógica, o que quer dizer que responde a enunciados anteriores e antecipa respostas futuras, o autor seguindo essa visão é quem ocupa uma posição de responsabilidade pelo que diz, posicionando-se no discurso e dialogando com outras vozes. Sobral (2009) diz que,

[...] falar de autor no âmbito das teorias do Círculo implica pensar no contexto de ação dos sujeitos, e nas complexas tarefas que realizam ao enunciar. Implica considerar, como afirmei alhures, de um lado, o princípio dialógico (que segue a direção do interdiscurso, da relação com o outro) e, do outro, os elementos sociais, históricos etc. que formam o contexto da interação e que incidem sobre a ação autoral. (Sobral, 2009, p. 61).

Fica evidente que o autor não é um criador solitário e isolado das intenções com o resto do mundo, mas sim um sujeito que enuncia a partir de um lugar social que o mesmo ocupa e que pode interferir diretamente na ação autoral, interagindo com outros discursos e sendo atravessado pelas condições do seu tempo e dos distintos espaços. Bakhtin aprofundou-se bastante na categoria do autor em seus textos literários, porém seus discursos nessa área servem de base sólida para diversas modalidades discursivas. Segundo a visão do autor, “todo enunciado tem uma espécie de autor, que no próprio enunciado escutamos como o seu criador. Podemos não saber absolutamente nada sobre o autor real, como ele existe fora do enunciado” (Bakhtin, 2010, p.218), mas algumas de suas características e marcas sempre ficam registradas em seu discurso, uma vez que não existe neutralidade no discurso.

Sobral (2009) refere-se ao autor como uma instância de produção, do ato, do texto, do discurso que não pode ser confundido com o indivíduo. De outro modo, o autor para Bakhtin (2010) é uma figura construída na linguagem, embora o Círculo reconheça que essa autoria só se concretiza através da presença de um sujeito real.

Isso significa que o autor não é simplesmente um ser biológico que escreve ou fala no discurso, mas sim sujeitos que assumem posições significativas e intensas dentro do discurso, que assume responsabilidades, valores e intenções na forma como organizam a fala e a escrita, além do fato evidenciado pelo Círculo de que não há linguagem sem alguém que fale ou escreva e que esse alguém é um sujeito concreto que enuncia, expressa-se e que impõem suas condições de realidade.

A seleção de palavras escolhidas pelo autor advém de todo seu processo sócio histórico e da influência que os contextos sociais passam a determinar os termos que serão empregados no discurso, uma vez que muitos vícios de linguagem se tornam presentes em quase todas as interações entre os interlocutores. Vindo dos contextos vivenciados pelo autor em seu dia a dia, tanto as experiências positivas quanto as negativas relacionam-se com as opiniões, assim como Sobral enfatiza a escolha das palavras. Para esse autor,

A própria seleção de palavras já envolve uma orientação na direção do ouvinte e do herói por parte do autor, e a recepção (que é na verdade, nesses termos, uma co-seleção) dessa seleção advém do contexto da vida, que impregna as palavras de julgamentos de valor, impondo pois ao seu significado uma direção específica: todo discurso é "endereçado", dirige-se a alguém e, portanto, traz esse alguém para sua superfície. (Sobral, 2009, p. 63-64).

Desse modo, apesar de “inocentemente” alguns interlocutores terem a vaga ideia de que ao comunicar-se através da fala ou da escrita a seleção de palavras proferidas seja algo relativamente novo e não influenciado por acontecimentos anteriores, enganam-se, visto que cada termo empregado advém de contextos vividos anteriormente.

Apesar de formar opiniões próprias a vivenciar diferentes contextos, somos constantemente influenciados e mudamos nossa percepção com o passar do tempo, ou seja, o discurso não é neutro, ao contrário, ele já carrega uma orientação intencional por parte do autor, que busca conduzir os ouvintes naquilo que lhe é conveniente criando a narrativa em determinada direção.

Tal narrativa não se encontra de forma isolada, pois a recepção do discurso também está impregnada pelo contexto de vida de quem o ouve ou lê, funcionando como uma segunda autora constituída pela produção de sentidos pré existentes. Sendo assim, as palavras assumem naturalmente julgamentos de valor e sentidos

específicos, que são moldados com passar do tempo pela sociedade e pelas experiências e referências socioculturais dos interlocutores.

Seguindo essa visão, reconhecemos que todo discurso é endereçado a alguém, ou seja, é criado tendo em vista um expectador, um sujeito que interfere diretamente em sua constituição enquanto discurso, uma vez que se for endereçado para uma pessoa pelo qual o interlocutor tem empatia por exemplo sua constituição é totalmente diferente do que se fosse criado para alguém que o interlocutor não tem empatia ou tem sentimentos de desprezo ou raiva pelo outro.

Nesse mesmo íterim, Possenti (2009) apresenta uma visão sobre o conceito de autoria no qual a afasta de uma visão simplista que associa o autor apenas àquele que escreve ou assina um texto. O estudioso destaca em primeiro lugar que, ao se falar no conceito de autoria, somos quase que imediatamente levados a pensar em algo escrito, isto é, em marcas subjetivas e características únicas que permitem identificar uma certa autenticidade no discurso ou no próprio texto. O pesquisador acreditava que o autor de uma obra não se torna verdadeiramente autor de seus textos se os mesmos não estiverem inseridos em discursos socialmente partilhados com o público externo, para que assim, os domínios de memória possam dar sentido ao texto.

Isso constitui a visão de que a autoria não se cria de forma isolada, mas com uma relação íntima com todos os saberes, valores e formas de dizer que circulam em meio a sociedade em que o autor encontra-se inserido. Por fim, Possenti (2009), defende a ideia de que não faz sentido discutir o conceito de autoria sem admitir a hipótese de uma certa personalidade ou singularidade de cada autor e interlocutor; mesmo que os discursos e textos se encontrem em discursos coletivos, é essencial reconhecer a existência de um modo extremamente singular dos sujeitos apropriarem-se da língua(gem) e a partir da mesma constituírem seus dizeres, seus textos e suas obras de um modo geral.

O estilo de um autor é perceptível em suas obras, de modo que fica claro que cada autor detém um estilo próprio. Estilo e autoria são complementares, visto que a autoria de uma obra deixa evidente o estilo com que o autor expressa e organiza suas ideias de maneira pessoal, influenciado pelo seu cotidiano, suas crenças e vivências, tornando cada vez mais nítida sua interação com o que está escrito, apesar de que, em algumas obras, tentem ser imparciais ou não deixar opiniões pessoais interferirem no que está sendo escrito. Segundo Bakhtin;

[...] o estilo, é o elemento expressivo, isto é, a relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado. Nos diferentes campos da comunicação discursiva, o elemento expressivo tem significado vário e grau vário de força, mas existe em toda parte: um enunciado absolutamente neutro é impossível. (Bakhtin, 2011, p. 289).

O estilo em todo e qualquer enunciado é uma marca indissolúvel para quem o produz, não podendo ser resumido como uma simples marca de estética, mas representa uma grande parte da expressão e relação subjetiva e valorativa do falante com o conteúdo do que é dito ou escrito, assim tentar ocultar ou tornar inexistente sua existência é algo impossível para qualquer autor. Experiências de cunho pessoal sempre não de interferir em enunciados, mesmo que de forma sucinta e imperceptível para o próprio autor, visto que, até a seleção de palavras, a ordem em que são selecionadas e o sentido que são impostos às mesmas dizem respeito ao autor.

Isso quer dizer que é no estilo em que o posicionamento emocional e avaliativo daquele que enuncia, demonstrando como ele se vincula ao assunto tratado, se revela. Entende-se com isso que o sujeito tem uma relação direta com o objeto produzido e a subjetividade de cada escritor torna suas obras únicas e de certa forma um espelho de quem as escreve, mesmo que o significado possa variar de acordo com o espectador que interpreta o texto e a maneira particular como a temática que está sendo abordada no enunciado concreto é elaborada. Para Bakhtin,

O estilo é indissociável de determinadas unidades temáticas e o que é de especial importância de determinadas unidades composicionais: de determinados tipos de construção do conjunto, de tipos do seu acabamento, de tipos da relação do falante com outros participantes da comunicação discursiva – com os ouvintes, os leitores, os parceiros, o discurso do outro, etc. O estilo integra a unidade de gênero do enunciado como seu elemento. (Bakhtin, 2011, p. 266).

Estilo, seguindo tal linha de pensamento, não é apenas uma característica individual do autor, mas algo que se liga diretamente e intimamente às unidades temáticas e composicionais dos gêneros discursivos, como por exemplo, a construção de uma carta, um artigo científico ou um romance. Cada gênero traz consigo certas unidades temáticas que são individuais de cada um e a própria organização é diferente de um gênero discursivo para o outro. Desse modo, o estilo não se encontra isolado,

mas faz parte dessa estrutura maior, sendo um dos elementos que constituem a identidade de um gênero discursivo.

Apesar do estilo não ser uma característica individual dentro do gênero discursivo, para Bakhtin “o estilo individual do enunciado é determinado principalmente pelo seu aspecto expressivo” (2011, p. 289), ou seja, o estilo é o que realmente diferencia um enunciado do outro, mesmo estando dentro de um mesmo gênero discursivo, pois é através do estilo que o interlocutor produz e expressa sua relação emocional e valorativa com o conteúdo. O “aspecto expressivo” é, justamente, a dimensão que cria subjetividade, sendo a forma com que o autor imprime suas ideias, visões de mundo, suas intenções, emoções e posicionamentos no que diz ou escreve.

Por fim, diante do que foi dito até o momento, é possível perceber que o conceito de autoria ultrapassa uma ideia simplista em que o sujeito escreve isolado de tudo que o envolve nos mais diversos sentidos, sendo o autor nessa linha de pensamento um sujeito histórico, social e ideológico, que se constitui no e pelo discurso, assumindo assim uma responsabilidade sobre aquilo que diz e escreve. Portanto, cada enunciado carrega consigo marcas de subjetividade, ideologia, emoção e contexto social, tornando o discurso sempre intencional e endereçado a alguém.

Entende-se, dessa forma, que o estilo deixa de ser meramente uma simples questão de estética e passa a ser um dos principais elementos no processo de singularidade do autor, sendo sua maneira de ver o mundo, determinados assuntos e seu jeito de organizar a língua(gem). Desse modo, o discurso se constitui a partir da interação com o outro, em um processo dialógico e interativo pelo qual a autoria se manifesta como uma capacidade apropriada de uso da língua(gem) socialmente compartilhada pelos interlocutores e a partir do jogo de sentidos próprios que ela pode produzir. Reconhecer a complexidade de tais processos é essencial para análises linguísticas e práticas pedagógicas, especialmente em produções textuais, pois ocasionam na valorização da voz dos sujeitos tendo em vista que nenhum texto é neutro ou desprovido de opiniões e intenções.

4.2 Individualidade e subjetividade nos diferentes discursos sociais.

Seguindo a visão bakhtiniana sobre individualidade e subjetividade podemos notar que ambos os conceitos apresentam diferenças significativas em seus significados e sentidos completos. Para Bakhtin (2011), todo discurso é sempre uma resposta a outro discurso vivenciado anteriormente pelos sujeitos. Desse modo, nenhum discurso surge do nada e não somos criadores originais daquilo que proferimos ou redigimos. Cada fala, escrita ou manifestação linguística são baseadas em um contexto social e histórico que se relaciona diretamente com outros discursos já proferidos e guardados em nossa memória em algum momento de nossas vidas, mesmo que em determinados momentos a ideia de estar criando algo novo e inédito esteja presente.

Nesse sentido, a individualidade de cada interlocutor está na forma com que o sujeito se apropria dos saberes e dos discursos anteriores e os organiza com base em suas visões de mundo, opiniões pessoais, valores e as experiências que o fizeram ser quem é até aquele determinado momento, já que “essa individualidade nunca deixa de ser vista como um fenômeno social, uma vez que ela sempre se relaciona com os enunciados alheios num processo de imersão constante do sujeito na língua e na história. (Silva, 2015, p.138). A ideia de ampliar a individualidade dos sujeitos está ligada à ideia de dominar os gêneros discursivos, uma vez que, quanto mais conhecemos algo, mais podemos nos apropriar desse conhecimento para produzirmos discursos outros. Assim, como afirma Bakhtin,

Quanto melhor dominamos um gênero tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação; em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto de discurso. (Bakhtin, 2011, p. 285).

Desse modo, fica claro que a compreensão do processo de constituição dos gêneros discursivos é uma ação fundamental para desenvolver a individualidade que nos torna diferentes uns dos outros, além de nos tornarmos mais críticos e podermos ter interpretações de forma mais rápidas e claras, formulando assim nossas opiniões e marcando nossa individualidade. Tal característica pode se manifestar de várias maneiras, como por exemplo, na escolha do gênero discursivo, na seleção de palavras, na formulação de frases, no uso de gírias, sotaques, dentre outras coisas.

Silva (2015) vai dizer que “é no mundo da vivência única que cada criança procura conhecer, pensar, atuar e decidir; é do seu espaço sociocultural que participa do mundo e transmite para os objetos que cria, sua individualidade e suas intenções sociais”. (Silva, 2015, p. 81), ou seja, o processo de constituição da individualidade de cada sujeito tem início desde os primeiros anos de vida, sendo formulado e reformulado com o passar do tempo através das vivências dos espaços socioculturais em que está inserido.

Segundo a visão do mesmo autor, em relação aos estudos de Bakhtin, existem “diferentes formas de manifestação da subjetividade do sujeito produtor de discursos, que aparecem de maneira constitutiva e inseparável “(Silva, 2015, p.131). A visão de Silva (2015) diz que primeiro seria a subjetividade dialógico-interativa, que é responsável por reconhecer que todos os discursos produzidos por humanos são basicamente um mecanismo de extrema complexidade que funciona através de relações dialógicas com outros enunciados; já a segunda, seria a subjetividade de alteridade, que é definido como um limitador dos enunciados concretos que se regulariza com base na alternância dos falantes; e a terceira seria a subjetividade valorativa, que é responsável por toda nossa escolha de recursos lexicais, gramaticais e composicionais constitutivos do gênero discursivo.

Além disso, Possenti (2009), argumenta que a subjetividade não se constitui apenas em elementos específicos da linguagem, como por exemplo marcas linguísticas fixas, como pronomes pessoais, advérbios de opinião ou outras estruturas específicas; a subjetividade encontra-se em seu uso através das escolhas linguísticas que o sujeito faz durante os processos de comunicação. Desse modo, como o sistema linguístico é muito diversificado e amplo, existem diversas maneiras de um sujeito poder manifestar sua subjetividade, sendo um exemplo claro a própria seleção de palavras feitas pelo interlocutor, quando da elaboração de seus discursos.

Essa multiplicidade de recursos presentes na língua(gem) deixa claro que a subjetividade não é algo que foi simplesmente dado, natural ou previsível, mas sim, constituída socialmente e historicamente com o passar de muitos anos. A subjetividade, então, não é apenas meramente um desdobramento da linguagem, mas uma parte constitutiva e de grande importância, principalmente em questões relacionadas à autoria e ao estilo, que se revelam através das diversas formas com que o sujeito pode fazer uso da língua para interagir com o mundo exterior, o que se

aproxima muito da visão de Bakhtin, já que ambos acreditam que o sujeito se constitui através das interações sociais com o outro.

Dessa forma, a principal diferença entre individualidade e subjetividade nos diferentes discursos sociais é que a individualidade é um conceito mais fechado e individual para cada interlocutor, pois apesar de ser necessário o contexto social para que a mesma exista é exclusivamente o sujeito quem organiza e interpreta todos os saberes vivenciados ao longo do tempo. E a subjetividade é um processo que se constitui através de interações dialógicas entre os sujeitos, se fazendo possível através da língua(gem), não sendo limitada por marcas linguísticas, uma vez que, como dito anteriormente a simples seleção de palavras representa uma marca de subjetividade de cada sujeito.

5 DESCRIÇÃO METODOLÓGICA E ANÁLISE DOS DADOS

5.1 A abordagem qualitativa nas pesquisas em Linguística

A abordagem de pesquisa qualitativa vem ganhando força nas últimas décadas, na área da linguística, o que tem criado diversos trabalhos que seguem essa abordagem de pesquisa. Sendo uma pesquisa na qual a principal intenção é a compreensão total dos resultados obtidos, não meramente de forma descritiva por parte dos pesquisadores, busca-se, por meio do trabalho do investigador, desenvolver um processo sistemático e reflexivo, desde a coleta e organização de dados até a mais profunda reflexão. Essa reflexão nos encaminha ao entendimento do que Ludke e André (2001) afirmam quando dizem que

Analisar os dados qualitativos significa "trabalhar" todo o material obtido durante a pesquisa, ou seja, os relatos de observação, as transcrições de entrevistas, as análises de documentos e as demais informações disponíveis. A tarefa de análise implica, num primeiro momento, a organização de todo o material, dividindo-o em partes, relacionando essas partes e procurando identificar nele tendências e padrões relevantes. Num segundo momento essas tendências e padrões são reavaliados, buscando-se relações e inferências num nível de abstração mais elevado. (Ludke e André, 2001, p. 45).

Ademais, é evidente que nesse tipo de pesquisa se faz necessário todo um processo cuidadoso em relação à análise dos dados, sendo a constituição do corpus de pesquisa fundamental para uma análise bem organizada e fundamentada. Desse modo, a pesquisa começa a caminhar rumo à análise e compreensão do fenômeno estudado, de modo a obter os resultados esperados de forma mais prática e satisfatória ao pesquisador.

Bogdan e Biklen (1982, *apud* Silva, 2015) trazem em sua obra cinco características que constituem uma pesquisa qualitativa. A primeira seria que esse tipo de pesquisa tem um ambiente natural como uma fonte de dados, sendo o pesquisador o principal instrumento para que o processo aconteça. Segundo os pesquisadores, tal tipo de pesquisa envolve contato direto prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está em processo de investigação. Ademais, esse tipo de envolvimento se torna necessário, pois é fundamental que o pesquisador compreenda todos os elementos e contextos que envolvem seu objeto de pesquisa.

A segunda característica, segundo Bogdan e Biklen (1982) gira em torno da coleta de dados ser predominantemente descritiva, ou seja, tudo que é obtido ao longo da pesquisa é extremamente rico em descrições pessoais, situações ocorridas, e em alguns casos, entrevistas e depoimentos transcritos. O uso de citações é extremamente comum para explicar ou dar força de veracidade a alguns argumentos, além do fato de que todos os dados têm suma importância na constituição do estudo, de modo que, um detalhe que pode ser visto inicialmente como de pouca relevância pode ser essencial no desenvolvimento da pesquisa.

Já a terceira característica tida como fundamental, segundo Bogdan e Biklen (1982), diz que nesse tipo de pesquisa a preocupação com o processo deve ser maior do que com o produto, em outras palavras, os cuidados e atenção que devem existir no processo de pesquisa é fundamental para que sequencialmente o produto final apresente um bom resultado. Em suma, alguns pesquisadores se preocupam excessivamente com o resultado esperado e dão pouca atenção ao processo que os pode levar ou não para aquilo que acreditam encontrar.

A quarta característica se volta para o “significado” que os sujeitos dão às coisas e à sua própria vida, visto que são focos de atenção especial pelo pesquisador. Geralmente em estudos dessa natureza, sempre há uma tentativa de analisar a perspectiva dos participantes, ou seja, o jeito com que cada participante enxerga o que está sendo estudado e como está sendo estudado.

Por fim, a quinta e última característica mencionada por Bogdan e Biklen (1982), foca na questão de que a análise de dados segue um caminho extremamente indutivo, de modo que, as ideias tidas a priori em relação à pesquisa são substituídas naturalmente e o pesquisador deixa que sejam os próprios dados que surgem no campo de pesquisa, o que acaba se formando em um processo de baixo para cima, baseado-se em dados reais encontrados pelo trajeto e não baseados em meros pressupostos teóricos formulados antes mesmo de qualquer contato com o objeto de estudo. Os estudiosos trazem a visão de que em alguns casos nas pesquisas qualitativas,

É possível que o pesquisador mais experiente e mais preparado teoricamente consiga realizar a maior parte da análise ainda durante o período de coleta, mas os menos experientes podem chegar ao final do estudo com grande parte dessa tarefa ainda a ser feita (Ludke e André, 2001, p. 45).

Ademais, a experiência nesse tipo de pesquisa pode ser um fator que influenciará diretamente no tempo em que o processo de análise pode demorar para se realizar, de modo que, um pesquisador com mais experiência pode, simultaneamente ao mesmo tempo que coleta os dados utilizados para a pesquisa, desenvolver sua análise do corpus selecionado. Por outro lado, um pesquisador detentor de menos experiência pode chegar ao final da fase de coleta e não ter analisado basicamente nada do que se foi coletado. entretanto, isso não se apresenta como uma regra, visto que, mesmo um pesquisador com pouca experiência pode realizar as análises ao mesmo tempo em que realiza a coleta e em alguns casos até mais rápido que um pesquisador mais experiente.

5.2 A pesquisa bibliográfica e documental

A pesquisa bibliográfica é constituída através de documentos já publicados ou elaborados anteriormente, como por exemplo livros, artigos, dissertações dentre outros tipos de documentos disponíveis em base de dados e bibliotecas. Tal tipo de pesquisa permite ao pesquisador analisar dados que já foram estudados anteriormente, identificar falhas, além de fundamentar teoricamente sua investigação. Segundo Gil (2008),

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Parte dos estudos exploratórios podem ser definidos como pesquisas bibliográficas, assim como certo número de pesquisas desenvolvidas a partir da técnica de análise de conteúdo. (Gil, 2008, p. 50).

Desse modo, esse tipo de pesquisa pode claramente analisar visões de outros autores em determinados assuntos através de suas obras, como ocorreu na área da linguística ao longo de décadas e como ainda acontece até os dias atuais. Gil (2008) argumenta que a vantagem principal de se realizar uma pesquisa bibliográfica é que esse tipo de pesquisa permite ao investigador o acesso a uma gama de fenômenos muitos mais amplos em relação a outros tipos de pesquisa, uma vez que, tal tipo de pesquisa reúne dados de diversos lugares em um único local.

Um exemplo claro seria nas áreas das pesquisas educacionais. Suponha-se que um pesquisador queira analisar práticas educacionais em diferentes regiões do Brasil, o processo de se locomover para cada região demandaria custos, tempo e disponibilidade do pesquisador de ir em busca dos dados nas mais diversas regiões. E caso o mesmo tenha “à sua disposição uma bibliografia adequada, não terá maiores obstáculos para contar com as informações requeridas” (Gil, 2008, p.50), em outras palavras, o estudioso teria uma diminuição exorbitante de gastos financeiros e tempo de trabalho.

De todo modo, reconhece-se que em alguns casos a pesquisa bibliográfica é indispensável, como por exemplo, nos estudos históricos, pois “em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados senão com base em dados secundários” (Gil, 2008, p.50). Ademais, fica claro a importância da pesquisa bibliográfica para uma análise do presente, do passado e até para se criar estimativas sobre o futuro, além de que em diversas pesquisas, apesar do foco não ser uma bibliografia, a mesma serve como um suporte auxiliar, fonte de pesquisa, análise do que já foi estudado sobre determinados temas, pontos que podem ser explorados por outras perspectivas e até discordar de pesquisas já publicadas sobre determinados assuntos, mostrando visões contrárias ao que já se foi pesquisado e analisado.

Segundo Cellard (2008), os documentos escritos constituem uma grande riqueza para os pesquisadores. Em sua visão, documentos são “insubstituíveis em qualquer reconstituição referente a um passado relativamente distante, pois não é raro que ele represente a quase totalidade dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas (Cellard, 2008, p.295), visto que, em alguns casos, os documentos permanecem como únicos vestígios de certas épocas do passado.

Outrossim, há de se considerar, também, que em alguns casos, a coleta de dados presente em bibliografias não tenha sido realizada da forma correta, o que pode prejudicar consideravelmente todo o processo de desenvolvimento da pesquisa, podendo torná-la inválida em alguns casos. Por isso, é de extrema importância que todas as informações encontradas nesse tipo de fonte sejam minuciosamente analisadas sobre sua qualidade e principalmente sua veracidade. Em relação a isso, Gil (2008) vai dizer que

Existem, de um lado, os documentos de primeira mão, que não receberam qualquer tratamento analítico, tais como: documentos oficiais, reportagens de jornal, cartas, contratos, diários, filmes, fotografias, gravações etc. De outro

lado, existem os documentos de segunda mão, que de alguma forma já foram analisados, tais como: relatórios de pesquisa, relatórios de empresas, tabelas estatísticas etc. (Gil, 2008, p. 51).

Seguindo essa afirmação, fica evidente que existem diversos materiais que servem tanto para a pesquisa bibliográfica quanto para a documental, cabendo ao pesquisador realizar uma busca cuidadosa entre cada tipo e identificar aquilo que lhe será útil a depender do seu tipo de pesquisa. A pesquisa documental não se encaixa apenas como uma simples análise e observação de dados, mas também como uma constituição de conhecimentos ativos. Tal metodologia de pesquisa vai além de coletar dados; tem o objetivo de desenvolver perspectivas inovadoras que contribuam em diversas áreas, ampliando diversas visões e análises sobre determinados assuntos ao longo da história.

Com isso, vemos que a pesquisa documental se assemelha em vários aspectos com a pesquisa bibliográfica, como a descrição e o método de coleta de dados; ambas trabalham com materiais já existentes, dentre outros pontos. Entretanto a principal diferença assim como afirma Gil é que,

[...] entre ambas está na natureza das fontes. Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa. (Gil, 2008, p. 51).

Desse modo, fica-se evidente que apesar das semelhanças entre os tipos de pesquisa, a natureza das fontes é um fator de extrema importância, uma vez que o pesquisador ao selecionar suas fontes deve manter uma atenção dobrada para que assim possa aproveitar ao máximo o corpus selecionado e não cometer erros em sua pesquisa. “O desenvolvimento da pesquisa documental segue os mesmos passos da pesquisa bibliográfica. Apenas há que se considerar que o primeiro passo consiste na exploração das fontes documentais, que são em grande número” (Gil, 2008, p.51).

Em outras palavras, apesar da exploração inicial entre os dois tipos de pesquisa, ainda assim, ambas se assemelham muito. Entretanto, seria imaturo dizer que a fase inicial de ambas é pouco relevante e que são a mesma coisa, visto que a fase inicial demanda uma atenção significativa ao pesquisador para garantir que os

documentos selecionados sejam adequados para cada tipo de pesquisa e assim possam contribuir de forma significativa para o objetivo da pesquisa.

5.3 A constituição do corpus de pesquisa

Dentro da perspectiva das pesquisas de cunho qualitativo, observa-se que a constituição do corpus de pesquisa se apresenta como um fator importante para o trabalho que o pesquisador pretende desenvolver. Nessa perspectiva, a seleção e a montagem dos objetos de análise, apresentam-se como fundamentais para o desenvolvimento do trabalho de análise do corpus selecionado, que no caso desta pesquisa são as marcas de autoria presentes em cada redação escolhida.

Observando o cenário atual, percebe-se que cada vez mais os traços de autoria em textos dissertativo-argumentativos estão se tornando escassos, visto que em sua grande maioria, os discentes optam por usar de meios mais simples para a elaboração de diferentes gêneros discursivos; por exemplo, a utilização de inteligências artificiais, as famosas IA, como uma ferramenta facilitadora do processo de produção; uma prática que vem se tornando cada vez mais comum nas instituições de ensino em uma sociedade que se mantém conectada a todo instante. Esse fato, a nosso ver, vem gerando uma perda qualitativa das características subjetivas dos sujeitos produtores de discursos, nos mais diversos gêneros textuais.

Outro meio que vem ganhando força no contexto atual são os chamados textos “coringas” ou “modelos de redações”, disponibilizados nas mais diversas plataformas digitais, por meio dos quais os alunos têm acesso a um esqueleto previamente estruturado, que pode ser adaptado aos mais variados temas propostos, seja pelos docentes ou nas avaliações do Enem, organizadas pelo governo. Essa prática faz com que os estudantes percam, cada vez mais, suas identidades em suas produções, visando, na maioria das vezes, apenas à aprovação em vestibulares.

Dito isso, o corpus deste trabalho constituiu-se de quatro redações que obtiveram nota mil no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), retiradas do site do G1. Foram selecionadas duas redações referentes ao ano de 2023, cujo tema foi “Desafios para o enfrentamento da invisibilidade do trabalho de cuidado realizado pela mulher no Brasil”, e duas referentes ao ano de 2024, cujo tema foi “Desafios para a valorização da herança africana no Brasil”. A seleção foi feita de forma aleatória, sendo utilizado como critério apenas o gênero dos participantes, ou seja, 02 redações

elaboradas por mulheres e 02 elaboradas por homens.

Essa escolha visa a um melhor aproveitamento das análises, permitindo a observação de opiniões diferentes sobre um mesmo tema e a identificação de possíveis traços de autoria em cada produção.

5.4 As marcas de autoria no Gênero Discursivo: Redação escolar do Enem 2023 e 2024.

Tema redação do Enem 2023

"Desafios para o enfrentamento da invisibilidade do trabalho de cuidado realizado pela mulher no Brasil"

Luana Pizzolato, de São Bernardo do Campo (SP)

*As décadas finais do século 20, no Brasil, foram marcadas pela presença de movimentos sociais diversos, como o de ruptura das condições de gênero que prejudicavam as mulheres no meio social. Embora as manifestações tenham conquistado direitos, **1 ainda há problemas que assolam o cotidiano feminino das brasileiras**, como a invisibilidade do trabalho de cuidado. De fato, essa questão é **2 influenciada pelo sistema capitalista e pela manutenção da visão patriarcal**. Logo, é urgente sanar os desafios e enfrentar a problemática.*

*Diante desse cenário, cabe analisar a relação entre o modelo econômico e a invisibilidade referida. Consoante a tese do sociólogo **3 Karl Marx**, os donos de produção, no capitalismo, possuem como fim o maior lucro possível. Nessa perspectiva do autor, nota-se que essa mentalidade econômica ainda rege as relações atuais, incluindo as do Brasil. Desse modo, **4 em um contexto que o trabalho de cuidado não reproduz o capital desejado pelas empresas, esse é invisibilizado e mal remunerado. Portanto, é visível que o sistema capitalista é um entrave na questão sofrida pelas mulheres.***

Ademais, a permanência da visão patriarcal acentua o problema dessa invisibilidade. Tal situação é explicada pois, **5 desde o período colonial do Brasil, as mulheres foram designadas a cumprir funções domésticas e de cuidado, já que não eram vistas como capazes de exercer outro ofício.** Nesse cenário, ao relacionar com a atualidade, é nítido que essa convenção social do papel da mulher foi mantido como modo de continuar o privilégio dos homens, detentores do poder. Assim, ao passo que esses se consideram superiores, não há uma luta para valorizar o trabalho de cuidado, já que é visto como função intrínseca e obrigatória do gênero feminino.

Em suma, constata-se que mudanças devem ocorrer para enfrentar os desafios da invisibilidade do trabalho de cuidado realizado pela mulher. Para isso, cabe ao poder legislativo, na condição de detentor dos meios legais de transformação, **6 criar leis que tornem obrigatória a remuneração digna desse ofício com inclusão no mercado, além de regulamentar sua valorização.** Essa proposta deve ser aprovada por meio de um debate na Câmara dos Deputados e tem como fim acabar com a invisibilidade desse trabalho. Feito isso, a questão deixará de ser um problema do corpo social brasileiro.

Seguindo a visão do Círculo bakhtiniano, referente às discussões sobre autoria, o uso do advérbio de tempo “ainda” no destaque 1 (*ainda há problemas que assolam o cotidiano feminino das brasileiras*) indica que para a autora ainda existem problemas em relação a gênero que permeiam a realidade feminina no Brasil. Vimos por meio do seu discurso que a visão da autora foi constituída ao longo do tempo com base em interações discursivas passadas, tendo influência direta pela situação social que a mesma se encontra inserida, além da ação de outros discursos vivenciados anteriormente. Desse modo, é notório que a estudante não é uma criadora solitária, mas sim alguém que enuncia a partir de um lugar social, ideológico, histórico e político.

Ao fazer uso dessas expressões linguísticas, a autora marca não só seu posicionamento ideológico, diante da temática debatida, como também, seu estilo e sua maneira própria de enunciar as escolhas linguísticas que faz. Essa seleção que

acontece e que marca sua autoria é para Bakhtin (2011) a língua(gem) que já existe antes de nós e que faz parte de outras interações em diferentes contextos, por isso, precisamos dar novo sentido às palavras, colocando nossas próprias intenções, sentimentos e posicionamentos quando falamos, só assim nos tornamos autores de nossos próprios discursos.

No destaque 2 (*influenciada pelo sistema capitalista e pela manutenção da visão patriarcal*). a autora afirma que em sua concepção os principais responsáveis pela invisibilidade do trabalho feminino são o “sistema capitalista e a manutenção do sistema patriarcal” o que diz respeito na visão bakhtiniana a seu estilo, ou seja, a forma com que a mesma se posiciona diante das vozes vistas anteriormente e que estão ligadas ao assunto. Para além do estilo individual do sujeito, vemos que essas construções também encaminham para a caracterização do estilo do gênero discursivo “redação escolar”. Para Bakhtin, o estilo do gênero é condicionado através das finalidades comunicativas, pelos falantes previstos, além das circunstâncias sociais na qual o gênero circula. O estilo, seguindo essa linha de pensamento, é individual e social, pois reflete a voz própria da autora quanto às exigências próprias do gênero em questão.

Ademais o uso do “sistema capitalista” traz consigo uma visão socioeconômica e cultural que, para a autora prejudica as mulheres, além de afirmar que existe uma “manutenção” do sistema patriarcal, ou seja, em sua concepção sociohistórica até os dias atuais a visão machista baseada na soberania masculina ainda ganha forças, o que retoma discursos históricos anteriores trazidos por defensores dos direitos femininos.

Quando a autora faz referência no destaque 3 a (*Karl Marx*), ela assume uma postura voltada para um pensamento socialista, uma vez que, a tese do autor citado para enriquecer o argumento que critica a visão capitalista, é considerada extremamente socialista e comunista. Sendo o autor citado uma referência central do pensamento marxista, a autora, ao mencioná-lo, assume uma posição ideológica e política diante do tema discutido. Isso se alinha à perspectiva do Círculo de Bakhtin, que compreende o sujeito como um ser constituído nas relações sociais e nas interações dialógicas. Para Bakhtin e seus interlocutores, nós somos seres ideológicos e políticos porque nos formamos e nos expressamos por meio das vozes sociais com as quais dialogamos ao longo da vida, ou seja, nossa visão de mundo é moldada pelas experiências concretas e pelas trocas com o outro.

Já no destaque 4 (*em um contexto que o trabalho de cuidado não reproduz o capital desejado pelas empresas, esse é invisibilizado e mal remunerado. Portanto, é visível que o sistema capitalista é um entrave na questão sofrida pelas mulheres.*) a autora reafirma sua visão de que, o trabalho de cuidado com o lar em muitos casos não é remunerado financeiramente e se torna invisibilizado diante do sistema capitalista. Sendo assim, fica evidente que na visão de Bakhtin (2010) não existe neutralidade no discurso; e a autora deixa isso claro ao retomar sua opinião referente ao entrave trazido juntamente ao sistema capitalista, o que muito provavelmente nos leva a pensar que independente do tema sugerido para a redação, essa é a visão que se constitui sobre o sistema capitalista de forma negativa, baseada em interações discursivas e discursos de terceiros que a mesma participou e com o qual foi exposta ao longo da vida.

Em seguida, no destaque 5, (*desde o período colonial do Brasil, as mulheres foram designadas a cumprir funções domésticas e de cuidado, já que não eram vistas como capazes de exercer outro ofício*) é trazido um fator histórico, “colonização portuguesa”, para reforçar que os entraves sofridos pelas mulheres se fazem presentes desde o período colonial. Em outras palavras, citar tal período segundo Sobral (2009) não é uma simples crítica, mas sim uma um posicionamento, no qual a autora enuncia a partir de um lugar social que ocupa e que pode interferir diretamente em seu posicionamento nas interações discursivas.

Além de que, tal argumento compõem o estilo do gênero discursivo redação, uma vez que citar fatos históricos ao longo da produção enriquece a produção como um todo, além do entendimento de que “todo enunciado tem uma espécie de autor, que no próprio enunciado escutamos como o seu criador” (Bakhtin, 2010, p. 218), ou seja, segundo essa linha de pensamento apesar de não se conhecer a criadora da produção, fica evidente que em sua visão a colonização portuguesa influenciou de uma forma negativa o papel social da mulher até os dias atuais.

No destaque 6, a autora ao afirmar que (*criar leis que tornem obrigatória a remuneração digna desse ofício com inclusão no mercado, além de regulamentar sua valorização*) mostra claramente uma linha de pensamento constituída através de diversas interações com discursos sociais, além de processos históricos vividos pela mesma ao longo de sua vida que a fizeram acreditar que sua proposta seria a melhor possível, sendo uma forma de organizar conhecimentos prévios incluindo uma

concepção pessoal sobre o que seria uma solução viável para o problema, sendo totalmente autoral como afirma Bakhtin(2011).

Arthur Sanches Sales, de Belém (PA)

Conforme estudos demográficos realizados pelo **1.1 Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**, a população de idosos crescerá drasticamente nas próximas décadas. Nesse contexto, **2 o trabalho de cuidado realizado pelas mulheres é fundamental** para acolher essa parcela populacional. Todavia, a invisibilidade e a omissão estatal são desafios que perpetuam o descaso sofrido por essas **3 trabalhadoras no Brasil**. Logo, faz-se imperioso a tomada de medidas que resolvam esse contexto de emergência generalizada.

Sob essa perspectiva, é crucial que a escassez de debates acerca da importância das atividades de assistência seja superado. A esse respeito, a ilustre filósofa **1.2 Djamila Ribeiro** defende que, para atuar em uma situação, deve-se, antes de tudo, tirá-lo da invisibilidade. Entretanto, o panorama nacional destoia do pensamento da autora, **4 já que o alto índice de empregadas domésticas em condições ocupacionais precárias não é enxergado pelo círculo social**, de modo que discussões sobre essa questão não sejam priorizadas, dificultando intervenções nesse problema. Então, essa nebulosidade precisa ser exposta para conscientizar a sociedade.

Outrossim, vale ressaltar de que maneira a negligência do Estado fomenta a marginalização das cuidadoras. A partir disso, o sociólogo polonês **1.3 Zygmunt Bauman** utiliza o termo "Instituição Zumbi" para simbolizar as entidades que não cumprem seu papel previamente estabelecido. Segundo o raciocínio, é possível compreender o Poder Executivo como um exemplo da ideia do expoente da Sociologia, uma vez que a sua função de garantir dignidade profissional a todo não está sendo

cumprida em sua totalidade, pois muitas trabalhadoras de acolhimento ainda encontram-se em situações indignas. Por isso, a conduta governamental necessita ser reformulada para assegurar os direitos dessas profissionais.

*Portanto, torna-se primordial **5 mitigar** a marginalidade do trabalho de cuidado realizado pelo gênero feminino. Dessa forma, o Ministério da Cidadania, enquanto responsável por políticas cidadãs, deve **6 propagar dados e pesquisas que revelem a gravidade do esquecimento sofrido pelas cuidadoras, por meio de plataformas midiáticas de destaque, a fim de atingir o maior contingente possível e conscientizá-lo. Ademais, a coletividade, por intermédio do Ministério Público, precisa cobrar do Governo Federal ações efetivas de proteção ocupacional às empregadas domésticas, com o intuito de promover o labor digno a esses indivíduos.** Assim, a acolhida da nova geração de pessoas de terceira idade poderá ser efetiva.*

Olhando-se para o destaque 1.1, 1.2 e 1.3 ao (“*Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), “Djamila Ribeiro, Zygmunt Bauman”*”), o autor busca constituir legitimidade em sua dissertação, fazendo o uso das múltiplas vozes polifônicas, que segundo a visão do Círculo de Bakhtin, é constituída a partir de múltiplas vozes, ou seja, ele se forma dialogando com enunciados anteriores, com ideias já ditas por outros. Essas vozes vêm de diferentes contextos históricos e sociais vividas pelo sujeito em questão, trazendo em alguns casos uma visão já consolidada sobre o assunto. Assim, ao elaborar seu próprio discurso, o sujeito faz uma junção dessas vozes, posicionando-se diante delas, seja para concordar, reforçar ou contestar. Esse processo evidencia que todo enunciado é, ao mesmo tempo, individual e social, pois está sempre em diálogo com discursos já existentes.

Já no destaque 2 (*o trabalho de cuidado realizado pelas mulheres é fundamental*) percebe-se que para o autor, o trabalho de cuidado realizado pelas mulheres é visto com uma visão positiva e de importância, fazendo referência ao uso do trabalho de cuidar de idosos. O fato do autor ressaltar e valorizar o trabalho realizado pelas mulheres é fruto de relações vividas anteriormente em várias camadas sociais e históricas da sociedade e com as quais ele teve contato. A retomada e a

ressignificação desses discursos outros vai revelando aspectos que são próprios da subjetividade do sujeito enunciador e dos diálogos que ele está travando com diferentes discursos sociais.

A subjetividade do autor se apresenta na maneira como ele passa a reorganizar suas experiências passadas, com base em suas visões de mundo, opiniões pessoais, valores e as ideologias que o fizeram ser quem é até aquele determinado momento. Segundo a visão bakhtiniana, todos os enunciados são impregnados de entonações valorativas, de atitudes e intenções em proximidade ao que é dito. Desse modo, a individualidade do interlocutor é revelada além de sua posição, sua visão de mundo e seu pensamento ideológico.

No destaque 3 (trabalhadoras brasileiras), o autor se refere às mulheres que realizam tais cuidados para além da perspectiva de gênero. O fato do mesmo se referir às mulheres como “trabalhadoras” desloca o sentido de texto de uma questão de gênero, uma vez que, a palavra “mulheres” só é mencionada uma vez ao longo do texto, sendo substituída por sinônimos que colocam as mesmas em posições de trabalho, deslocando o foco para uma questão sociopolítica. Essas substituições nos levam a entender as escolhas lexicais que vão marcar o estilo do autor e, conseqüentemente, sua visão de mundo sobre a temática.

Esse tipo de escolha pode ser tanto uma marca estilística que “é o elemento expressivo, isto é, a relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado” (Bakhtin, 2011, p. 289), ou um posicionamento ideológico constituído ao longo de interações anteriores vividas pelo autor, o que reflete a forma com que o mesmo direciona seu posicionamento em relação ao tema com base em discursos vividos e estudados ao longo de décadas passadas. Ademais, uma terceira opção seria uma característica própria do gênero redação, no qual a repetição de palavras prejudica a qualidade do texto.

No destaque 4 (*escassez de debates acerca da importância das atividades de assistência seja superado*) o autor mobiliza uma linguagem marcada por intencionalidade e posicionamento próprio, elemento de extrema importância para a constituição de autoria segundo Bakhtin 2010. Afirmar a escassez de debates sobre o tema, é um posicionamento ideológico do autor ao apropriar-se de discursos alheios e reelaborá-los responsiva mente, uma vez que a falta de valorização e debates sobre o tema vem sendo invisibilizado ao longo da história.

O uso da palavra (*mitigar*) no destaque 5, segundo Sobral (2009) é uma clara marca de autoria, uma vez que a mesma se dá devido a uma posição valorativa e ideológica diante do tema, incluindo escolhas lexicais e estilísticas. O uso da palavra em questão ao invés de palavras mais comuns como combater, diminuir ou reduzir revela um posicionamento lexical mais formal aproximando-o de um estilo técnico ou institucional, afastando-o de posicionamentos usados pela maioria dos participantes, o que nos demonstra um esforço autoral.

A proposta para resolução da problemática trazida pelo autor no destaque 6 (*propagar dados e pesquisas que revelem a gravidade do esquecimento sofrido pelas cuidadoras, por meio de plataformas midiáticas de destaque, a fim de atingir o maior contingente possível e conscientizá-lo. Ademais, a coletividade, por intermédio do Ministério Público, precisa cobrar do Governo Federal ações efetivas de proteção ocupacional às empregadas domésticas, com o intuito de promover o labor digno a esses indivíduos*) é uma clara marca de autoria, pois revela como o autor, com base em sua constituição como sujeito pelas múltiplas vozes com as quais teve contato em interações discursivas anteriores, se posiciona em relação ao tema, sendo sua proposta uma possível solução para o problema em questão. Ao retomar certas opiniões, vemos, assim como o Círculo de Bakhtin, que o autor não apenas as reproduz, mas as organiza e as interpreta, propondo uma leitura própria sobre o caráter dialógico do discurso.

Ao comparar as duas redações podemos notar diferenças claras, a autora Luana Pizzolato, escreve partindo do lugar social de “mulher brasileira”, diretamente ligada às questões de gênero discutidas no tema. Sua redação traz um posicionamento vivencial e engajado, com um forte aspecto afetivo e ideológico sobre o tema, revelando o posicionamento de sujeito diretamente envolvido é afetado pela temática, como vemos no trecho: “ainda há problemas que assolam o cotidiano feminino das brasileiras” evidenciam tal fato.

Já o autor Arthur Sanches Sales, opta por uma abordagem mais institucionalizada e a distância. Em seu texto, as mulheres na maioria das vezes são referidas como “trabalhadoras”, retirando o foco de uma questão de gênero para uma questão social. O mesmo enuncia uma perspectiva mais observadora, com um tom mais social e político, sem as mesmas implicações afetivas que marcam o texto de Luana. Isso revela, segundo Bakhtin (2011) um impacto do gênero e da vivência pessoal na forma como o discurso é constituído, baseado em relações discursivas

anteriores, vivências sociais e ideológicas, além de regionais.

As escolhas lexicais e as marcas de estilo também divergem, uma vez que, Luana traz fortes expressões com conotações ideológicas como: "visão patriarcal", "entreve", "designadas", "privilegio dos homens". Essa linguagem de maneira mais ampla revela uma certa indignação, o que Bakhtin reconheceria como entonação valorativa do sujeito diante da realidade a que está e foi exposto ao longo de sua constituição enquanto sujeito crítico. Entretanto, Arthur faz uso de um vocabulário mais institucional e técnico, utilizando palavras como: "mitigar", "negligência estatal", "dados e pesquisas", "plataformas midiáticas"; esse tipo de linguagem revela o estilo de um autor mais pragmático e técnico, cujo a subjetividade aparece de forma mais velada através da organização e formalidade do discurso.

Partindo de uma visão bakhtiniana, ambas as propostas de redação trazem marcas autorais e de estilo, porém são constituídos de maneiras diferenciadas a partir de seus lugares sociais, históricos e ideológicos. Luana, como mulher, escreve a partir de uma visão ligada diretamente com o tema, lavando-a a uma abordagem mais militante, afetiva e crítica, sendo refletido através de suas escolhas lexicais trazendo traços autorais marcados pela ressonância emocional e ideológica. Enquanto Arthur, escrevendo através de uma visão masculina, se posiciona de uma forma mais analítica e institucional, o que o leva a um tipo de linguagem técnica, formal e distanciada, sendo sua autoria marcada por uma formação conceituada e uma articulação racional. Em suma, constroem enunciados polifônicos, que dialogam com as múltiplas vozes, porém suas intenções comunicativas e relações, ou não com o tema, demonstram como o gênero influencia na constituição autoral do gênero discursivo "redação escolar".

Tema da redação do Enem 2024 "Desafios para a valorização da herança africana no Brasil"

Sabrina Ayumi Alves, de Araçatuba (SP)

*O livro 1 "**Nós matamos o cão tihoso**" de Luís Bernardo Honwana retrata a sociedade moçambicana durante a colonização portuguesa. Na obra literária, observa-se uma dinâmica social pautada pela inferiorização dos indivíduos negros, na qual o racismo está enraizado nas interações entre as*

peças, na qualidade de vida e na autoimagem de cada ser. Assim, ao inserir a imagem criada pelo livro no contexto brasileiro de ínfima valorização da herança africana, infere-se que o **2 passado colonial persiste nas estruturas do Brasil**, se manifestando a partir do apagamento sistemático da cultura afro-brasileira. Em razão disso, deve-se discutir o papel do Estado no setor escolar e cultural diante desse contexto de silenciamento.

Em um primeiro momento, é necessário entender a relação entre a dinâmica social brasileira e a desvalorização da herança africana. Para fundamentar essa ideia, o filósofo **3 Ailton Krenak** afirma que, no Brasil, existem dois grupos — a humanidade, formada pela elite econômica, e a subumanidade, a qual tem seus direitos negados e é constituída principalmente pelas populações marginalizadas socialmente, **4 como os povos originários e os negros**. Por conseguinte, entende-se que o apagamento da cultura africana é uma extensão do panorama da desigualdade social brasileira, **5 já que essa desvalorização sistemática silencia as vozes de populações que são violentadas e oprimidas há séculos**, o que favorece a manutenção dessas pessoas no grupo da subumanidade. Dessa forma, o Estado deve desenvolver medidas que visem valorizar e apoiar artistas e escritores relacionados à herança africana no Brasil

Sob outra ótica, a compreensão acerca da importância da ancestralidade na formação da autoimagem e da noção de pertencimento de cada indivíduo é imperativa. Para isso, a filósofa brasileira **6 Marilena Chaui** defende a ideia de que, enquanto os animais são seres naturais, os humanos são culturais - ou seja, a cultura em que cada pessoa está inserida compõe a essência desse ser. A partir disso, compreende-se que o silenciamento da herança africana nega a uma grande parte do povo brasileiro a sua própria essência, o que **7 constitui uma violência estrutural e resulta numa noção de não**

pertencimento generalizada e em uma autoimagem defasada. Frente a isso, o Estado deve agir em prol da promoção de manifestações culturais afro-brasileiras.

Em suma, conclui-se que a desvalorização da cultura africana está diretamente relacionada a um **8 processo sistemático de silenciamento de grupos oprimidos e resulta na falta de pertencimento de muitos indivíduos.** Portanto, cabe ao Estado, por meio de uma parceria entre o **9 Ministério da Economia (ME) e o Ministério da Educação e da Cultura (MEC), desenvolver manifestações culturais afro-brasileiras nas escolas, como, por exemplo, peças teatrais e festivais de dança, música e arte, assim como investir financeiramente na promoção de artistas e escritores que têm suas carreiras relacionadas à herança africana.** Por fim, essas ações serão responsáveis por impedir o perpetuamento da desvalorização da cultura africana no Brasil.

Inicialmente, no destaque 1 a autora cita o livro (*Nós matamos o cão tinoso*) que se relaciona diretamente com o tema proposto para a redação: “Desafios para a valorização da herança africana no Brasil”. Trazer uma obra que tem tanta importância em relação ao tema mostra uma constituição de conhecimento de forma autoral, além de um sujeito que tem acesso a discursos outros e com os quais vai dialogando na qual o Círculo de Bakhtin refere-se não como um simples ato individual de criação, mas sim como um posicionamento adotado devido às mais diversas interações do sujeito com o meio.

Quando a autora no destaque 2 (*passado colonial persiste nas estruturas do Brasil*) traz a ideia de que o motivo da herança africana no Brasil se manter apagada se dá devido à persistência do colonialismo, vemos que, na visão da autora, há uma retomada histórica relacionada ao preconceito, que de certa forma apaga a herança africana; essa concepção está relacionada a diversas interações discursivas presenciadas pela mesma ao longo de sua constituição enquanto sujeita assim como diz Bakhtin (2011).

Ademais, citar o autor (Ailton Krenak) no destaque 3 mostra um envolvimento da autora em relação ao passado e o presente dos povos indígenas e africanos, uma vez que, tais povos ainda sofrem diversos tipos de preconceito e marginalização pela sociedade atual, segundo o escritor. O fato da autora concordar com tal visão se relaciona com a individualidade presente em seus ideais, “essa individualidade nunca deixa de ser vista como um fenômeno social, uma vez que ela sempre se relaciona com os enunciados alheios num processo de imersão constante do sujeito na língua e na história. (Silva, 2015, p.138).

No destaque 4 (*como os povos originários e os negros*) a autorta faz menção aos “povos originários” além dos negros, o que revela uma consciência histórica e social ampliada, sendo constituída, segundo Bakhtin (2010), na relação entre o sujeito e a linguagem, assumindo assim uma posição valorativa que vai além dos povos africanos, mas compreendendo outras etnias dentro dessa discussão, revelando uma posição crítica e engajada, ampliando assim o debate e inferindo um aspecto de singularidade ao texto.

Já no destaque 5 (*já que essa desvalorização sistemática silencia as vozes de populações que são violentadas e oprimidas há séculos*), ao mencionar tais fatos, pela maneira singular como ela a fez, percebemos que o discurso da autora passa a nos revelar uma marca autoral e traços de estilo, trazendo um posicionamento em relação a como as vozes das populações afetadas são silenciadas “há séculos”. Além disso, vemos que por meio de seus discursos e da maneira como ela enuncia, que é realizada uma denúncia explícita da violência sofrida por certos grupos, o que segundo a visão de Bakhtin (2010), se manifesta como marca de autoria devido a posição valorativa que a autora assume diante do mundo. Além disso, as palavras “silencia”, “violentadas” e “oprimidas” demonstram um estilo enfático, com uma linguagem engajada crítica, constituindo uma carga semântica elaborada, o que contribui diretamente em um estilo politizado e reflexivo.

No destaque 6, ao citar a filósofa brasileira (*Marilena Chauí*) para dar veracidade a seus argumentos, reforça a credibilidade e a validade de sua própria fala, relacionando múltiplas vozes juntamente a seu discurso, o que segundo Bakhtin (2010), é marca da polifonia constitutiva dos diferentes discursos e que revela as múltiplas vozes autônomas e conscientes presentes em um mesmo texto ou discurso, que nesse caso, configura-se como um meio próprio para dar veracidade ao discurso, apoiando-se em uma figura de autoridade no campo filosófico e político-social.

O destaque 7 (*constitui uma violência estrutural e resulta numa noção de não pertencimento generalizada e em uma autoimagem defasada*), assim como dito anteriormente, constitui-se como traço de autoria, uma vez que o uso da expressão “violência estrutural” não é uma expressão neutra, muito menos se trata de um evento isolado, uma vez que revela uma posição crítica da autora diante de uma realidade sistematicamente reproduzida. Ao nomear esse fenômeno como algo estrutural, a autora faz uma denúncia de um sistema que perpetua desigualdades, deixando claro seu posicionamento com base na realidade que a cerca, o que caracteriza um traço autoral, que se caracteriza “pelas escolhas que são feitas e pelas vozes que são acionadas para comporem seu novo trabalho com a linguagem”. (Silva, 2015, p. 219).

No destaque 9 (*Ministério da Economia (ME) e o Ministério da Educação e da Cultura (MEC), desenvolver manifestações culturais afro-brasileiras nas escolas, como, por exemplo, peças teatrais e festivais de dança, música e arte, assim como investir financeiramente na promoção de artistas e escritores que têm suas carreiras relacionadas à herança africana*) a autora cita “Ministério da Economia (ME) e o Ministério da Educação e da Cultura (MEC)” como os responsáveis para resolver a problemática em questão, ou seja, baseado em sua concepção, constituída através das interações e ambientes que foi exposto ao longo de sua vivência enquanto sujeito subjetivo e crítico. Como sujeito subjetivo e crítico, ela demonstra uma compreensão relacionada aos problemas sociais que advém não de forma isolada ou espontânea, mas sim de políticas públicas (ou da falta delas). E ao responsabilizar especificamente tais ministérios, a autora revela sua visão crítica das relações entre Estado, sociedade e desigualdade, deixando claro seu engajamento político-discursivo, traço marcante de sua posição autoral.

Por fim, a forma como ela enuncia e faz referência aos órgãos competentes na possível resolução do problema e o detalhamento de como deve ser feito, fazem parte do estilo da autora, uma vez que “o estilo individual do enunciado é determinado principalmente pelo seu aspecto expressivo” (Bakhtin, 2011, p. 289). Em suma, tal forma de solucionar o problema social discutido e apresentado em seus discursos, pode ser vista com uma marca ideológica, que se materializa na linguagem, em diálogo com outros discursos e com a realidade social na qual a autora estava inserida.

Rafael Santana Assunção, de Belo Horizonte (MG)

O **1 álbum musical "Duas Cidades"**, da banda brasileira Baiana System, aborda, em algumas de suas canções, o apagamento da influência histórica africana no Brasil. Inegavelmente, em dias atuais, é possível constatar uma relação direta entre a composição artística citada e a desvalorização da herança africana no país. Isso é explicado devido à falta de **2 política pública de ensino e à ausência de lei específica**. Logo, é essencial analisar e intervir sobre essa problemática.

A princípio, deve-se observar que o pouco **3 fomento** governamental em ações de gestão educacional é um problema a ser combatido. Sob a perspectiva de **4.1 Macaé Evaristo, ministra dos Direitos Humanos**, é urgente a necessidade de iniciativas para a inclusão da história e da cultura afro-brasileira nas escolas. Para entender melhor tal posicionamento, é importante compreender que o atual ensino sobre os povos africanos é apenas relatado em aulas específicas de algumas disciplinas, como história e literatura, sem se aprofundar na grande influência cultural que a África possui no Brasil. Dessa forma, de acordo com Chico César, cantor e compositor de músicas afro-brasileiras, as crianças e os adolescentes necessitam ter uma formação ampla sobre a temática, com aulas multidisciplinares, por exemplo, de música e de capoeira, bem como as tradicionais aulas já existentes, porém integradas à herança africana presente na sociedade. Nesse sentido, é substancial modificar esse contexto e desenvolver uma forte política pública de ensino.

Ademais, é imperativo pontuar que atitude insuficiente do Poder Legislativo Federal em atuar no tema é um problema a ser combatido. Sob

a ótica de **4.2 Duda Salabert, deputada federal e professora de literatura,** é imprescindível a alteração da lei que orienta a educação básica brasileira. Isso pode ser explicado pelo entendimento de que apenas com empenho legislativo é possível transformar o mecanismo legal que define as matrizes de referência do ensino nacional. Dessa maneira, com a união de parlamentares para o reconhecimento da importância da herança africana na formação educacional, poderá ocorrer a consolidação de políticas públicas, como o **5 investimento da capacitação de professores e de profissionais especializados em cultura afro-brasileira.** Assim, o crescimento do fomento estatal no setor, garantido por aparato legal, contribuirá para a efetivação de uma forte identidade nacional. Em suma, se o Congresso Nacional se omite de enfrentar tal cenário danoso, entende-se o porquê de sua perpetuação.

Portando, com o intuito de solucionar esses desafios, o **6.1 Poder Executivo Federal,** por meio do aumento de ações governamentais, deve estimular iniciativas educacionais relacionadas à herança africana, a fim de valorizar a temática. Além disso, o **6.2 Poder Legislativo Federal,** por intermédio da criação de um projeto de lei, necessita elaborar uma nova política nacional de ensino, com a obrigatoriedade de investimento público na área, com a definição de medidas de gestão pública capazes de **7 instituir aulas multidisciplinares, como de música e de cultura afro-brasileira nas escolas,** com o objetivo de reconhecer a importância do tema na formação da sociedade. Feito isso, o apagamento da influência africana abordado na obra da banda Baiana System será, enfim, combatido.

No destaque 1 (álbum musical "Duas Cidades") o autor traz como apoio para sua tese um álbum musical que, segundo ele, relata em algumas de suas canções o apagamento da cultura africana. Citar algo tão relacionado ao tema proposto

“Desafios para a valorização da herança africana no Brasil” revela um conhecimento prévio que o sujeito tem em função das suas interações com outros sujeitos e discursos constituídos socialmente. Essa retomada e essa reconfiguração discursiva, segundo Bakhtin (2010), é constituída com base nas relações discursivas que o mesmo teve ao longo da vida, o que pode ser considerado como uma marca autoral relacionada ao estilo do autor.

Já no destaque 2 (política pública de ensino e ausência de lei específica), quando o autor atribui a responsabilidade social pela falta de valorização da herança africana no Brasil à ausência de um ensino que promova leis que favoreçam seu desenvolvimento e reconhecimento, ele assume um papel social e ideológico. Nesse momento, suas questões autorais se evidenciam com base em conhecimentos derivados de interações discursivas e reorganizados segundo Bakhtin (2010), para quem a autoria se revela na posição valorativa que o sujeito assume diante do mundo.

Em seguida, no destaque 3, o escritor utiliza um termo pouco comum no uso cotidiano, que é a palavra “*fomento*”; a escolha desse vocábulo não foi feita de forma aleatória, pois o mesmo é frequentemente empregado em contextos institucionais, demonstrando uma intenção de conferir maior formalidade e legitimidade à sua argumentação, além de evidenciar seu posicionamento diante da temática abordada. Essa seleção lexical advém do contexto da vida, impondo ao seu significado uma direção específica: todo discurso é “endereço”, dirige-se a alguém e, portanto, traz esse alguém para sua superfície. (Sobral, 2009, p. 63-64). Em outras palavras, todos os termos utilizados advém do contexto em que o mesmo esteve inserido e das relações discursivas vividas em tais contextos e, principalmente, para quem seu discurso é destinado.

Ademais, nos destaques 4.1 e 4.2 (*Macaé Evaristo, ministra dos Direitos Humanos, Duda Salabert, deputada federal e professora de literatura*) o autor traz figuras políticas do meio social para dar veracidade e legitimidade ao seu discurso. Diferentemente dos autores anteriores, o autor em questão foi o único a citar políticos, o que nos leva a entender que nenhum enunciado é isolado do meio social, já que ele sempre se insere em uma cadeia contínua de comunicação verbal, estando inevitavelmente ligado a outros discursos anteriores e posteriores. Em suma, selecionar políticos além de estudiosos clássicos se configura em uma constituição

enquanto sujeito, baseado em sua formação discursiva a partir do contato com os diferentes discursos políticos.

O destaque 5 (investimento na capacitação de professores e de profissionais especializados em cultura afro-brasileira) revela a visão do autor sobre a base educacional brasileira, representada especialmente pelos professores que são, de certa forma, grandes influenciadores das gerações mais jovens da sociedade. Esse tipo de posicionamento, reforça a importância da profissão docente na formação social e cultural dos indivíduos, configurando-se como um traço autoral, pois revela uma posição valorativa do sujeito diante do mundo.

Analisando, o destaque 7 (*instituir aulas multidisciplinares, como de música e de cultura afro-brasileira nas escolas*), quando se apresenta os meios encontrados para uma possível solução do problema, vemos que o autor do texto enuncia a partir de sua posição ideológica e do conhecimento constituído ao longo de sua vida, fazendo escolhas lexicais e estilísticas que podem ser identificadas como marcas autorais, segundo o que o próprio Bakhtin (2010) diz quando relata que os discursos proferidos carregam e se comunicam com diferentes contextos sociais e ideológicos, trazendo e ressignificando vozes sociais, posicionamentos e intencionalidades discursivas.

Ao analisar as redações de Sabrina Ayumi Alves e Rafael Santana Assunção, percebe-se, que em ambos os textos existem marcas de autoria bem definidas, constituídas a partir das experiências sociais, ideológicas, históricas e discursivas de seus autores, o que está em consonância com Bakhtin (2011), para quem o sujeito é sempre moldado pelas vozes alheias com as quais interage. Contudo, há diferenças significativas na forma como essas autorias são constituídas, especialmente ao se considerar o gênero dos autores e suas relações com os temas propostos.

Inicialmente, Sabrina utiliza de um repertório mais literário, filosófico e sociológico, citando autores como Luís Bernardo Honwana, Ailton Krenak e Marilena Chaui, além de abordar com profundidade os efeitos históricos trazidos pelo colonialismo e marginalização. Já Rafael, constitui sua argumentação baseado em uma estrutura técnico-política, destacando figuras institucionais e políticas, como Macaé Evaristo e Duda Salabert, além de artistas como Chico César.

O estilo de Sabrina é enfático, afetivo e engajado, seu discurso é marcado por palavras fortemente expressivas como "silenciamento", "violência estrutural",

“autoimagem defasada”, além de incluir os povos originários em seus discursos, ampliando assim, sua visão crítica revelando uma sensibilidade particular ao sofrimento coletivo e à exclusão histórica não so dos negros. Contudo, Rafael apresenta um estilo mais direto e propositivo, priorizando ações concretas e estruturais, como leis, investimentos e reformulações curriculares, usando uma organização lógica das soluções, demonstrando familiaridade com discursos institucionais e educacionais. A citação do álbum musical *"Duas Cidades"* traz uma voz artística relevante, porém menos literária que as citações de Sabrina.

Por fim, ambos os textos são bem estruturados e desenvolvidos, o de Sabrina se posiciona de forma mais envolvida com o tema, além de aparentemente ser coberto por questões de identidade e sensibilidade social mais evidentes. Sua redação carrega uma carga afetiva mais intensa, que é marcada por um tom crítico que tende a valorizar a herança africana no Brasil. Já Rafael apresenta uma visão mais técnica e analítica, com foco na elaboração de propostas institucionais e políticas, o que distancia seu texto do vivencial e afetivo, o que revela uma constituição autoral baseada em referências institucionais e em uma abordagem de resolução prática da problemática apresentada.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao alcançar o ponto culminante desse trabalho, torna-se possível olhar para trás e reconhecer de forma clara a relevância de uma análise sobre os traços de autoria em redações do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), mesmo que em alguns casos tais produções estejam formuladas por estruturas previamente elaboradas, como chamamos anteriormente de “modelos coringas”. Com base nas concepções do Círculo de Bakhtin e outros estudiosos, referindo-se a língua(gem) como fenômeno social, histórico, ideológico e dialógico, a investigação revelou que, mesmo em contextos padronizados e formais, as vozes dos sujeitos ainda se fazem presentes e de formas individuais.

Compreendendo-se que nenhum enunciado é neutro, e que todos os discursos carregam marcas de um sujeito situado em um determinado momento histórico e socialmente inserido em uma sociedade repleta de valores, ideologias e crenças, entendemos que as redações analisadas são muito mais do que simplesmente fórmulas mecânicas; pelo contrário, os textos se mostraram cobertos por posicionamentos, intencionalidades, escolhas lexicais e composicionais que revelaram, mesmo que sutilmente, a presença ativa do sujeito criador, apesar de que em alguns momentos a linguagem voltada ao formalismo se fez mais presente, e isso não apaga ou inválida os traços autorais encontrados.

Durante o processo de análise das quatro redações selecionadas, fica claro que, embora a estrutura instigada pelo ENEM convide os participantes ao uso de fórmulas e estratégias comuns, os estudantes ainda assim conseguem localizar espaços para imprimir sua subjetividade, reinterpretando discursos sociais e reorganizando saberes coletivos sob suas visões particulares, incluindo além disso estilos próprios e organizados de maneiras diferentes.

Assim como o filósofo Mikhail Bakhtin afirmou que a língua(gem) é dialógica, o presente trabalho mostrou que as redações analisadas são constituídas por uma ampla multiplicidade de vozes, como por exemplo, as vozes escolares, as da mídia, a dos estudiosos e filósofos renomados, além é claro, do senso comum e, sobretudo, a voz do próprio estudante que, ao se apropriar dessas vozes também constitui a sua própria. Mesmo que os textos analisados estejam organizados em volta de estruturas normativas rígidas, a polifonia e a plurivocidade estiveram sempre presentes,

possibilitando detecção de traços de autoria que resistem à homogeneização do discurso técnico escolar.

Da mesma forma, o percurso teórico apresentando ao longo da pesquisa permitiu compreender que a redação escolar, enquanto gênero discursivo, carrega em si uma tensão entre a padronização exigida pelo formato da prova e as expressões individuais de cada sujeito. Desse modo, essas tensões são atravessadas por forças centrípetas (que visam à normalização da linguagem) e centrífugas (que impulsionam a transformação e a diversidade de vozes), o que reforça ainda mais a visão de pensamento bakhtiniana de que a linguagem é um espaço de disputa e negociação de sentidos.

Em meio a todos os desafios metodológicos encontrados, o trabalho encontrou respaldo na pesquisa qualitativa e documental, possibilitando uma análise atenta de cada texto selecionado, para além das notas atribuídas e das fórmulas utilizadas. Além de que, o processo de investigação pode confirmar que a autoria não é apagada pelas estruturas formais e tradicionais exigidas pelo exame, mas sim, ressignificadas dentro dos limites impostos. Ademais, ficou evidente que mesmo em contextos extremamente estruturados, os sujeitos discursivos encontram formas de se posicionar e de deixar suas marcas autorais.

Assim, chega-se à conclusão que, ao contrário do que alguns possam imaginar, os modelos e estruturas prontas não anulam completamente os traços de autorias deixados pelos estudantes. Além disso, eles oferecem um espaço fértil a partir do qual o autor pode dialogar, tensionar e construir seu discurso. E é justamente entre esse entremeio do que se é previsto e inesperado, entre tudo que é instituído e o reinventado, em que se é possível revelar toda a potência da linguagem como lugar de expressão dos sujeitos.

Ademais, o ato de escrever redações supera os limites de uma atividade avaliativa padronizada e transforma-se em uma prática discursiva significativa, na qual os sujeitos se veem diante de desafios como articular saberes, valores e vivências em um espaço que, embora regulado, ainda permite liberdade criativa e expressão pessoal. Portanto, os traços autorais não são apagados, mas sim, adaptados, resistindo e aparecendo de formas sutis, carregados de sentidos e intencionalidades.

Por fim, reafirmamos a importância de se olhar para as redações do ENEM não apenas como um simples instrumento de verificação das mais diversas competências técnicas, mas sim como um campo simbólico em que a juventude brasileira expõe o

direito de dizer, de se posicionar e de existir por meio da palavra. Entre as margens delimitadas por normas, surge um espaço no qual os participantes podem enunciar, ainda que muitas vezes impregnados por modelos e fórmulas, inserindo suas próprias escolhas, pensamentos, opiniões, valores e ideologias, com coragem e criatividade.

REFERÊNCIAS

ADAM, Jean-Michel. **Textos**: tipos e protótipos. Coordenação de tradução: Mônica Magalhães Cavalcante; tradução: Alena Cunha *et al.* São Paulo: Contexto, 2019.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin, dialogismo e polifonia**. São Paulo: Contexto, 2015.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knopp. **Qualitative research for education**. Boston: Allyn and Bacon, 1982.

CELLARD, André. A Análise Documental. *In*: POUPART, J. et al. (Orgs.). **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

G1. **Redações nota mil do Enem 2023**. Rio de Janeiro: G1 Educação, 19 mar. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2024/03/19/redacoes-nota-mil-do-enem-2023.ghtml>. Acesso em: 17 dezembro 2024.

G1. **ENEM 2024: leia redações nota mil**. Rio de Janeiro: G1 Educação, 14 mar. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/enem/2024/noticia/2025/03/14/enem-2024-leia-redacoes-nota-mil.ghtml>. Acesso em: 19 maio 2025.

GERALDI, João Wanderlei. **O texto na sala de aula**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KOCH, Ingedore Vilaça. **O texto e a construção de sentidos**. 10. Ed. São Paulo: Contexto, 2014.

KOCH, Ingedore Villaça. **Introdução à linguística textual**: trajetória e grandes temas. São Paulo: Contexto, 2015.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 2001.

POSSENTI, Sírio. **Discurso, estilo e subjetividade**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye, com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. Prefácio à edição brasileira por Isaac Nicolau Salum. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SOBRAL, Adail. **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009. Série Idéias sobre Linguagem.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Tipologia textual e ensino de língua**. *Domínios de Linguagem*, v. 12, n. 3, p. 1336–1400, set./dez. 2018. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/14949>. Acesso em: 22 abr. 2025.

TRANSFORMERS. Direção: Michael Bay. Produção: Don Murphy, Tom DeSanto, Lorenzo di Bonaventura e Ian Bryce. Roteiro: Roberto Orci, Alex Kurtzman. Estados Unidos: Paramount Pictures, DreamWorks Pictures, 2007. 1 filme (143 min), son., color.

SILVA, Wellington Barbosa. **O processo de constituição do gênero discursivo “desenho infantil escolar”**: um olhar sobre o ato narrativo de desenhar. 2015. Tese (Doutorado em Pesquisa em Linguística Aplicada) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2015.

Valentin, Volóchinov. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.